

COLEÇÃO
ESCRITOS ROGACIONISTAS 40

**DIRETRIZES PARA O
SERVIÇO DE ANIMAÇÃO
VOCACIONAL
ROGACIONISTA**

Província Rogacionista São Lucas

SÃO PAULO SP

2022

ESCRITOS ROGACIONISTAS

As Quarenta Declarações – 1985 ▪ 02. A Vida Religiosa Rogacionista - 1985 ▪ 03. Promoção Vocacional e Formação Rogacionista – 1985 ▪ 04. O Apostolado da Congregação - 1985 ▪ 05. Diretrizes Gerais para a Formação - 1986 ▪ 06. Plano de Formação - 1986 ▪ 07. Comunhão e Participação na Formação - 1987 ▪ 08. Comunhão e Participação na Formação (Documento Final) - 1987 ▪ 09. Comunhão e Comunidade Rogacionista - 1987 ▪ 10. Vida Religiosa: Participação e Comunhão – 1990 ▪ 11. Os Grandes Temas do Rogate - 1990 ▪ 12. Rogate, Vida Religiosa e Evangelização à Luz da Realidade Latino-americana - 1993 ▪ 13. Antologia Rogacionista - 1993 ▪ 14. Os teus últimos 22 dias de vida, ó pai! - 1998 ▪ 15. Chamados a estar com Ele; fidelidade criativa ao Rogate - 1999 ▪ 16. Chamados a estar com Ele; o primado da vida espiritual - 2000 ▪ 17. Projeto Educativo Rogacionista - 2001 ▪ 18. Plano Vocacional Rogacionista - 2002 ▪ 19. Reaviva o dom de Deus que há em ti; Projeto de Formação Permanente Rogacionista - 2002 ▪ 20. Vinde às águas; Renovação bíblico-litúrgica e espiritualidade rogacionista - 2003 ▪ 21. Formação Permanente Rogacionista; seguimento do Cristo do Rogate - 2003 ▪ 22. Apóstolos do Rogate; a missão dos Rogacionistas no início do Terceiro Milênio - 2004 ▪ 23. Plano de Formação Rogacionista; Diretrizes da Formação de Base da Província Latino-americana - 2005 ▪ 24. Missão Rogacionista nas paróquias e santuários; Diretrizes e linhas comuns de ação - 2005 ▪ 25. Consagrados à missão; Programação do Governo Geral - 2006 ▪ 26. Rogacionistas em Assembleia - 2006 ▪ 27. Apóstolos do Rogate: discipulado, profetismo e missão - 2007 ▪ 28. A Regra de Vida Rogacionista - 2010 ▪ 29. Discípulos missionários do Cristo do Rogate - 2010 ▪ 30. Plano de Ação do Governo Provincial (2010-2014) - 2011 ▪ 31. Diretrizes da Província Rogacionista São Lucas - 2015 ▪ 32. A Alegria do Rogate; Identidade e Missão Rogacionista - 2015 ▪ 33. Vida Consagrada Rogacionista, un camino de renovación continua en la Iglesia hoy - 2015 ▪ 34. Os Rogacionistas e a Missão "Ad Gentes" - 2016 ▪ 35. Diretrizes das Ações Socioeducativas Rogacionistas; Princípios Norteadores – 2016 ▪ 36. A nossa identidade carismática nos desafios atuais, "Ao ver as multidões, encheu-se de compaixão e disse: Rogate"; documento conclusivo do 12º Capítulo Geral da Congregação Rogacionista – 2017 ▪ 37. Da compaixão à missão - 2018. ▪ 38. Documento Final Do 10º Capítulo Provincial - 2019 ▪ 39. Diretrizes para a formação inicial - 2020.

SIGLAS

C: Constituições
CDC: Código de Direito Canônico
ChV: Christus Vivit
CNBB 110: Diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil
DAp: Documento de Aparecida
DFI: Diretrizes para a Formação Inicial
ER: Escritos Rogacionistas
N: Normas
PC: Perfectae Charitatis
PDV: Pastores Dabo Vobis
RFI: Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis - O dom da vocação presbiteral
RI: Ratio Institutionis - Congregação dos Rogacionistas do Coração de Jesus. A formação do Rogacionista
VC: Vita Consecrata

Apresentação

Temos a alegria de apresentar as novas Diretrizes para o Serviço de Animação Vocacional Rogacionista (SAV Rog) inserido na Coleção Escritos Rogacionistas 40, versão 2022, exatamente 20 anos após a publicação do “Plano Vocacional Rogacionista” (cf. ER 18, 2002).

Estas *Diretrizes* contêm cinco partes específicas que trazem uma boa fundamentação histórica; os Documentos Vocacionais da Igreja e da Congregação; excelentes referências ao tema do discernimento vocacional e da importância da psicologia no trabalho vocacional; propostas pedagógicas e metodológicas e; sugestões práticas do Planejamento Vocacional a partir das orientações oferecidas pelo Instituto de Pastoral Vocacional (IPV), do Brasil, com propostas de como estruturar projetos para o SAV Rog. Por fim, sete importantes anexos que contribuem para um bom e eficiente trabalho vocacional na Província São Lucas, sendo possível aplicar nas várias realidades onde estamos inseridos.

O nosso agradecimento a todos os envolvidos neste consistente trabalho das Diretrizes que é fruto de um longo percurso realizado, graças a dedicação do Conselheiro Provincial do Setor Animação Vocacional e Formação, Pe. Valmir de Costa, e da Equipe de Animadores Vocacionais e Formadores da nossa Província. Ao longo dos últimos anos esta Equipe aprofundou conteúdos e organizou

o presente material até se chegar na redação final e aprovação do Superior Geral, para a sua devida publicação.

Convém, portanto, destacar que todos somos responsáveis pela Animação Vocacional Rogacionista, cada um no seu papel preponderante: Superior Provincial, Conselheiro Provincial, Superiores de Comunidade, Comunidade Religiosa, Animador Vocacional local, Centro Rogate, Formandos Rogacionistas, Obras Socioeducativas, Paróquias e Santuários e o SAV local, conforme lemos na Quarta Parte destas Diretrizes que deixam claro e bem específico o papel dos responsáveis. “A animação vocacional deve brotar das comunidades, como responsabilidade de todos” (cf. ER 18, nº 05).

As Diretrizes para o Serviço de Animação Vocacional Rogacionista sejam conhecidas e aprofundadas em cada Comunidade Rogacionista da Província. Elas são indicadas a todos nós, que por força do carisma, somos conhecidos na Igreja como *especialistas em vocação*. Daí o nosso compromisso de conhecê-las e aprofundá-las para o despertar de uma maior sensibilidade sobre a importância e a seriedade do trabalho vocacional que perpassa todas as áreas nas quais trabalhamos, não simplesmente ao setor específico da animação vocacional.

Entretanto, o que deve sobrepor estas Diretrizes é o entusiasmo e o testemunho vocacional, a alegria do Rogate expressa na própria espiritualidade e o senso da *Sinodalidade* a partir da nossa *Comunhão, Participação e Missão* naquilo que somos e fazemos como Rogacionistas do Coração de Jesus.

Santo Aníbal Maria Di Francia, Apóstolo da Oração pelas Vocações, *precursor e mestre da moderna Pastoral Vocacional*, sob a proteção de Nossa Senhora do Rogate, interceda para que a profecia e o mandamento do Rogate sejam sinais de esperanças vocacionais para toda a Igreja. “Rogai, pois, ao Senhor da messe...” (cf. Mt 9, 38).

São Paulo, 19 de março de 2022.
Solenidade de São José

Pe. Geraldo Tadeu Furtado, RCJ
Superior Provincial

01. A cultura contemporânea impõe vários desafios à formação para a Vida Religiosa Consagrada. A mudança de época exige, de nossa parte, um serviço vocacional que compreenda tais desafios e atenda, a contento, à necessidade formativa dos vocacionados. Há a sensação da dissolução dos valores, da crise da identidade familiar, da falta de perspectiva no amanhã, do vazio interior, da perda do Mistério, da falta de sentido das coisas e da vida. O serviço vocacional nunca foi tão importante e tão urgente.
02. Tais desafios, no entanto, não podem ser vistos como uma realidade fatídica, intransponível, que não está sujeita a mudanças, ou à qual temos simplesmente de nos adequar. São para tais situações que a Igreja e a Vida Religiosa, de modo geral, devem realizar seu planejamento e pensar suas estratégias de ação evangelizadora, comunicando sua mensagem de amor e de esperança ao mundo.
03. A infância e a juventude formam um dos grupos sociais mais sensíveis a esta mudança de época. E sua evangelização/educação desafia a todos. Não podemos permitir, como nos recorda o papa Francisco (cf. ChV, 39), que pela nossa falta de empenho e compromisso, a Igreja e Deus sejam para eles apenas palavras vazias (cf. ChV, 107), nem permitamos que lhes roubem a esperança e a alegria de viver.

04. Pensando em tais questões que a Província São Lucas vem apresentar as novas “Diretrizes para o Serviço de Animação Vocacional”. Tais Diretrizes visam a atualizar a linguagem, a metodologia e a nossa pedagogia vocacional, para que aqueles que desejem fazer um caminho conosco, possam encontrar todas as condições para o seu discernimento vocacional. Que disponíveis, ao ouvirem o chamado, possam responder ‘sim’ ao convite de Jesus, “Vem e segue-me!”.
05. Nessa perspectiva, organizamos nossas Diretrizes em cinco partes: **A Primeira Parte:** “Animação Vocacional e os Rogacionistas – Breve histórico”, procura recapitular os principais eventos vocacionais da Igreja e a contribuição dada pelos Rogacionistas; **a Segunda Parte:** “Documentos Vocacionais da Igreja e da Congregação”, procura sintetizar os principais documentos que com o tempo, pelo amadurecimento e pela modernização do serviço vocacional, constituiu-se como a própria identidade do trabalho vocacional; **a Terceira Parte:** “Vocação e autoconhecimento”, traz breves referências à importância da psicologia no trabalho vocacional, afirmando que o conhecimento de si é o primeiro passo para se realizar o discernimento da vocação; **a Quarta Parte:** “Animação Vocacional Rogacionista”, resume a proposta metodológica e pedagógica do nosso Serviço Vocacional, especificando normas e competências; e **a Quinta Parte:** “Planejamento”, visa a estabelecer alguns passos para que o Serviço de Animação Vocacional se estruture em nossas comunidades.
06. O processo formativo à Vida Religiosa Rogacionista se inicia já com a animação vocacional. Assim, por vezes utilizamos,

para denominar aquele que acompanha, o termo *animador*, ou *formador*, ou mesmo *animador/formador*. Ao acompanhado, igualmente, utilizamos *vocacionado*, ou *formando*, ou *vocacionado/formando*. Assim, todo vocacionado não deixa de ser um formando, e nem todo formando, pelo fato de estar numa casa de formação, não deixa de ser um vocacionado, pois está ainda aprofundando sua vocação. Percebe-se o quanto deve ser dinâmico e interativo o Serviço de Animação Vocacional.

07. Estas “Diretrizes para o Serviço de Animação Vocacional” não deixam de ser uma forma de agradecimento aos coirmãos Rogacionistas, que desde a chegada ao Brasil, com os primeiros missionários, trabalharam incessantemente para difundir o carisma do Rogate, sendo, ao mesmo tempo, bons operários, para a Igreja e para a Congregação. Inspirados neles, possamos dar continuidade a esta bela história vocacional de nosso carisma, motivando e chamando outros operários para o trabalho na messe. Que nosso fundador, Santo Aníbal Maria, e Nossa Senhora do Rogate, a primeira vocacionada, nos inspirem nesta bela missão.

1. A ANIMAÇÃO VOCACIONAL E OS ROGACIONISTAS - BREVE HISTÓRICO

08. Os Rogacionistas sempre tiveram uma presença ativa e propositiva na Igreja, em relação à animação vocacional. O Plano Vocacional Rogacionista anterior salientou bem esta presença e os seus consequentes frutos, tanto para a Igreja como para a própria Província¹. À Igreja, evidenciou a importância e a necessidade da Animação Vocacional como consequência de sua própria identidade evangelizadora, “Deste modo, a Igreja, que por inata constituição é ‘vocação’ é geradora e educadora de vocações”². Para a Congregação evidenciou cada vez mais a importância e a particularidade de seu Carisma no seio da Igreja, promovendo e animando todas as vocações.
09. Desde sua chegada ao Brasil, em 1950, os Rogacionistas acompanharam, atentos, a permanente evolução e, mesmo, a transformação da ação e reflexão vocacional, tanto da parte mais técnica, no que se refere a linguagem, estruturação e organização, quanto na parte conceitual, com suas disciplinas afins: teologia, antropologia, pastoral, filosofia, psicologia e sociologia. Foi tanto desta permanente transformação, fiel ao tempo e às necessidades mais urgentes, quanto das fontes

¹ *Plano Vocacional Rogacionista*, (ER 18), 2002.

² PDV, n.35.

teóricas nas quais se inspirou, que a animação vocacional imprimiu uma identidade própria, consolidando, definitivamente, sua importância dentro da ação evangelizadora da Igreja (1Cor 9,16).

10. É importante, ao menos linearmente, recordar alguns pontos de referência documentais, em que a reflexão vocacional se inspirou até chegar ao seu atual estágio de estruturação e organização, reflexão e ação. Isso mostra que a animação vocacional, enquanto pastoral, é fruto de uma Igreja peregrina, em seu anseio e desejo de evangelizar e anunciar a Boa Nova de Jesus a todos os povos. Assim, a animação vocacional tem suas fontes de inspiração, como o foi para toda a Igreja, no Vaticano II (1962-1965)³, e em particular, na América-Latina, por meio do CELAM, com os documentos de Medellín (1968), Puebla (1979)⁴, Santo Domingo (1992)⁵, e Documento de Aparecida (2007)⁶. Nessa proposta de abertura da Igreja aos desafios do mundo, evidenciados por esses documentos, e de sua conseqüente proximidade do povo de Deus, de seus dramas sociais e necessidades pessoais, que a animação vocacional, como ação da Igreja, se inspirou para cada vez mais universalizar o chamado que Deus faz a cada pessoa. É desta Igreja viva que o serviço de animação vocacional se alimenta para realizar seu trabalho e pensar suas ações, cada vez com mais dinamismo e vigor, envolvendo o maior número possível

³ Em relação às vocações e aos ministérios ordenados, principalmente pelos Decretos, “*Presbyterorum ordinis*” e “*Optatam totius*”.

⁴ Cf. Documentos do CELAM, n.882.

⁵ Cf. Documentos do CELAM, n.80.

⁶ Cf. DAp, n. 314 e 315.

de pessoas, em que cada vocação ou ministério é pensado a partir do serviço e da resposta ao convite de Jesus, “Vem e segue-me!” (Mt 19,21).

1.1. Principais eventos vocacionais

11. Para a animação vocacional Rogacionista é importante, pelo envolvimento direto que tivemos na idealização, no planejamento, na organização e, conseqüentemente, na aplicação pastoral posterior, apresentar, brevemente, os principais eventos vocacionais, frutos de nossa comunhão e fidelidade à Igreja e às origens do nosso Carisma. Nunca é demais lembrar que nossa razão de ser é servir à Igreja animando as vocações.
12. Em 1983 realizou-se o I Ano Vocacional do Brasil, com o tema: “Vem e segue-me”, (Mt 19,21), com o objetivo principal de aprofundar, em nossa realidade, as inovações conciliares do Vaticano II⁷, que aos poucos iam amadurecendo no interior da Igreja, desde sua promulgação. O início do pontificado de João Paulo II e sua visita ao Brasil, em 1980, juntamente com a escolha do tema da assembleia da CNBB, de 1981 – “Vida e Ministério do Presbítero; Pastoral Vocacional” –, favoreceram, em 1983, concomitantemente, a instituição do mês vocacional e, por conseguinte, do I Ano Vocacional.

⁷ Como afirma o papa Francisco, na Carta Encíclica *Lumen fidei*, “O Concílio Vaticano II fez brilhar a fé no âmbito da experiência humana, percorrendo assim, os caminhos do homem contemporâneo. Dessa forma, viu-se como a fé enriquece a existência humana em todas as suas dimensões” n.6.

13. Em 1994, de 23 a 27 de maio, em Itaiaci-SP, aconteceu o Primeiro Congresso Continental Latino-Americano de Vocações, que teve como tema “A Pastoral Vocacional no Continente da Esperança”. Foi uma experiência de comunhão e participação, refletida na unidade e corresponsabilidade da Sé Apostólica, do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) e da Conferência Latino-americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR)⁸. Alguns objetivos fundamentais que inspiraram os trabalhos de animação vocacional: a consciência de que a Nova Evangelização precisava de mais qualidade e maior número de vocações; a ideia de incluir a dimensão vocacional em todas as atividades pastorais; o estudo de itinerários de formação dos jovens, no despertar, discernir e acompanhar as vocações; a colaboração e integração entre os diversos organismos eclesiais; a criação de Centros Diocesanos de Pastoral da Juventude e Vocacional; a promoção de cursos de formação para novos animadores(as). “O discernimento requer nos jovens, nos que os acompanham e em toda a comunidade, uma atitude de oração permanente, silêncio interior, para excitar a voz de Deus, contemplação da vida e a mensagem de Jesus Cristo, e disponibilidade para responder a sua chamada a fim de segui-lo mais próximo assumindo sua missão”⁹.
14. Em 1999¹⁰ foi realizado o 1º Congresso Vocacional do Brasil, de 1.º a 05 de setembro, em Itaiaci-SP. Estiveram presentes

⁸ Cf. Mensagem do santo padre papa João Paulo II aos participantes do primeiro Congresso Continental de Vocações Latino-americano, Itaiaci-São Paulo, 23-27 Maio, de 1994.

⁹ Curso de discernimento vocacional, p. 36.

¹⁰ Importante recordar que em 1993 foi fundado o Instituto de Pastoral Vocacional

inúmeros animadores e animadoras vocacionais, provenientes das mais diversas partes do Brasil. Era composto por leigos e leigas, consagrados e consagradas, seminaristas, diáconos, padres e bispos. O tema refletido foi “Vocações e os Ministérios para o Novo Milênio”, com o lema: “Coragem! Levanta-te! Ele te chama! (Mc 10,49b). “O evento promoveu uma grande mobilidade nacional em vista do sonho de termos uma Igreja plenamente consciente de ser uma assembleia de pessoas, convocadas e reunidas pela Trindade, na riqueza da diversidade e complementariedade das vocações, carismas e ministérios”¹¹.

15. Em 2003 foi realizado o II Ano Vocacional, com o tema “Batismo, fonte de todas as vocações”, e lema “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5,4). “Teve por objetivo ajudar a Igreja a perceber-se como assembleia dos vocacionados e vocacionadas, motivar todos os batizados para que se reconheçam como pessoas que foram chamadas pelo Pai (Jo 6,65), escolhidos pelo Filho (Jo 15,16), e enviados em missão pelo Espírito Santo (At 13,1-3)”¹². “Neste contexto, emergiu com toda a força que a PV, mais do que uma pastoral entre outras, é uma dimensão conatural e essencial para a vida da Igreja e para sua evangelização”¹³. Prefigurou-se neste Congresso o

(IPV), o qual reúne Congregações e Institutos religiosos de carisma vocacional, e que tem como objetivo, “servir a Igreja no campo das vocações e ministérios”. O IPV teve participação significativa em todo o processo de pensar, articular e organizar o I Congresso Vocacional do Brasil.

¹¹ Texto-base: 4º Congresso Vocacional do Brasil: *Vocação e Discernimento*, nº 20.

¹² Idem, nº 21.

¹³ Ibidem, nº 22.

que posteriormente será designado por ‘Cultura Vocacional’, em que a vocação é vista como algo intrínseco à vida cristã, que forma uma única assembleia de ‘chamados a chamar’.

16. Em 2005 aconteceu o II Congresso Vocacional do Brasil, também em Itaici-SP, de 2 a 6 de setembro, com congressistas oriundos de todas as dioceses do Brasil. Refletiu o tema “Igreja, povo de Deus a serviço da vida”, com o lema “Ide também vós para a minha vinha” (Mt 20,4). Alguns temas refletidos: Antropologia da Vocação; Opções Vocacionais; Teologia da Vocação; Metodologia e Planejamento da Pastoral Vocacional; Itinerário das Vocações. Avança-se para uma sistematização temática e conceitual da animação vocacional, com uma teologia e uma antropologia próprias. Este Congresso “[...] fortaleceu a visão eclesial de povo de Deus, assembleia dos chamados e enviados para trabalhar na vinha do Senhor [...]”¹⁴. A partir deste Congresso elaborou-se o itinerário vocacional contemplando quatro etapas específicas: despertar, discernir, cultivar e acompanhar.
17. Em 2010 realizou-se o III Congresso Vocacional do Brasil, de 3 a 7 de setembro, em Itaici-SP, com o tema “Discípulos missionários a serviço das vocações”, e com o lema “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações” (cf. Mt 28,19). Esse Congresso acolhe as propostas da Conferência de Aparecida, que se tornou um grande marco na experiência vocacional, conclamando todos os batizados a assumirem sua vocação missionária inerente ao próprio batismo. “O III Congresso con-

solidou a identidade e a missão do animador e da animadora vocacional, que deve empenhar-se para ajudar, sobretudo os jovens, a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um”¹⁵.

18. Em 2011, em Cartago, na Costa Rica, aconteceu o II Congresso Continental Latino-Americano de Vocações, com o tema “Chamados a lançar as redes para alcançar a vida plena em Cristo”, e o lema “Mestre, em atenção à tua Palavra lançarei as redes” (Lc 5,5). Tinha por princípio alguns objetivos, “Para tornar realidade uma verdadeira cultura vocacional, devemos ‘levar a animação vocacional a ultrapassar as fronteiras da Igreja, com utilização criativa e responsável dos meios de comunicação social e das novas linguagens [...]’”¹⁶. O Congresso estimulava a inserção criativa da animação vocacional no mundo digital, como forma de comunicação e diálogo com os jovens, criando redes de contato e dinamizando a animação vocacional no ambiente virtual. O tema da cultura vocacional, propagado pelo Congresso, visava, definir a própria Igreja, como uma assembleia de chamados e chamadas, ou mesmo, de chamados a chamar, em que a dimensão vocacional constitui a identidade de toda pessoa de fé. Deus chama cada pessoa pelo nome, e o serviço vocacional tem, particularmente, a missão de despertar a consciência ao chamado que Ele dirige a todos, indistintamente.

¹⁵ Ibidem, nº 24.

¹⁶ Ibidem, nº 30.

¹⁴ Ibidem, nº 23.

19. Importante mediação entre o III Congresso e o IV Congresso, foi a realização, de 16 a 18 de maio de 2014, do Simpósio Vocacional. Cada regional elaborou os próprios compromissos na área vocacional. O simpósio marcou os 50 anos da instituição do Dia Mundial de Oração pelas Vocações, 1964-2014, além do contexto dos 50 anos do Vaticano II e 30 anos da realização do 1º Congresso Vocacional do Brasil. Impulsionado, também, pelo II Congresso Continental Latino-Americano de Vocações, o Simpósio teve como objetivos dentre outros, “[...] fomentar a cultura vocacional na ação evangelizadora da Igreja no Brasil e avançar no discipulado missionário como legado batismal, na comunhão e complementariedade de vocações e ministérios na comunidade eclesial”¹⁷.
20. Em 2019 realizou-se o IV Congresso Vocacional do Brasil, de 5 a 8 de setembro, em Aparecida-SP, que refletiu o tema “Vocação e Discernimento”, com o lema “Mostra-me, Senhor, os teus caminhos!” (SI 25,4). Esse Congresso realizou-se em plena comunhão com a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que refletiu o tema, “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”¹⁸. Contou com representantes de todas as Igrejas particulares e os Regionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O Congresso teve por objetivo “estudar, refletir, rezar e dialogar sobre a questão vocacional, para, iluminados pela fé, traçar linhas comuns de ação, indo ao encontro de adolescentes e jovens, a fim de cooperar na

¹⁷ Ibidem, nº 25.

¹⁸ Cf. Documento Final do Sínodo dos Bispos: *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, CNBB, 2018.

realização de um caminho de discernimento vocacional”¹⁹. Procurou-se, iluminados pela Palavra de Deus, indicar alguns caminhos práticos para se realizar tal discernimento: lugar, proposta pedagógica, metodologia, conteúdos, até chegar à elaboração do Projeto Pessoal de Vida (PPV). O Congresso sugeriu a realização de um terceiro Ano Vocacional no Brasil, em 2023, 40 anos após o primeiro. Tal proposta foi aprovada na 58ª Assembleia da CNBB, em 2021.

1.2. Contribuição Rogacionista ao trabalho vocacional

21. Desde a chegada ao Brasil, os Rogacionistas contribuíram de forma direta no serviço de animação vocacional na Igreja. Com o tempo, viu-se a necessidade de oferecer encontros e subsídios que favorecessem a reflexão vocacional, dinamizando esse serviço, e que fossem disponibilizados ao maior número de pessoas. A história da animação vocacional no Brasil se mistura e se identifica com a história de nossa chegada no país. Vejamos algumas contribuições:

1.2.1. Centro Rogate²⁰

22. O Centro Rogate do Brasil e a revista Rogate começaram a ser pensados em 1981 pela então equipe de religiosos animadores vocacionais Rogacionistas, responsáveis pelo setor Rogate no Brasil. A proposta era criar um centro vocacional que se responsabilizasse pela revista e por outras produções

¹⁹ Texto-base: 4º Congresso Vocacional do Brasil: *Vocação e Discernimento*. p.11.

²⁰ rogate.org.br/quem_somos.html.

e atividades formativas. As duas ideias foram aprovadas e começaram a se tornar realidade. O “Centro Vocacional Rogate”, depois chamado “Centro Nacional Rogate” e, atualmente, Centro Rogate do Brasil, foi implantado inicialmente em Curitiba (PR), tornando-se responsável pela produção da revista Rogate, versão brasileira da revista “Rogate Ergo”, italiana. A primeira edição da Rogate foi lançada em maio de 1982. Em 1987 a sede do Centro Rogate (e da revista) foi transferida para São Paulo (SP), onde se mantém até os dias atuais.

23. Em julho de 1981 decidiu-se montar o protótipo do primeiro número da Rogate, para que os membros da equipe pudessem avaliar. O resultado da análise foi apresentado em novembro, chegando-se à conclusão de que deveria ser uma revista especializada, de animação vocacional. Em dezembro, na quarta reunião da equipe, programou-se publicar a revista Rogate a partir de março de 1982, mas com data de maio, para que houvesse tempo de remeter aos primeiros destinatários, possíveis assinantes, entre os quais os Regionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB).

1.2.2. Revista Rogate²¹

24. A Rogate é uma revista de animação vocacional com circulação em todas as regiões do país. Tem por objetivo fomentar e incrementar a cultura vocacional na Igreja e na sociedade, através de seus artigos e encartes, matérias de formação e

informação. Desde 1982 a Rogate vem sendo referência no setor vocacional, apresentando temas e assuntos da atualidade, numa linguagem popular e com seriedade.

1.2.3. Encartes da Rogate²²

25. O encarte da revista, contendo a Celebração Vocacional, nasceu na 4ª edição da revista, em agosto de 1982. Era chamado de “Cenáculo Vocacional” até junho de 1998. Hoje, além da Celebração Vocacional, subsídio que contribui na oração pelas vocações, a Rogate circula com o encarte da Turma do Triguinho, subsídio de cunho vocacional voltado para o público infanto-juvenil.

1.2.4. IPV²³

26. O Instituto de Pastoral Vocacional (IPV) começa a ser organizado no final dos anos 1980, a partir de iniciativa do então Setor Vocações e Ministérios da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). A ideia era convocar as congregações e os institutos com carismas vocacionais para que se conhecessem e vissem a possibilidade de juntar forças para servir a Igreja no campo das vocações.
27. Dessa iniciativa nasce um primeiro encontro, marcado pela partilha de experiências no âmbito da animação vocacional, como expressão dos diversos carismas. O encontro foi realizado no dia 26 de maio de 1989, em São Paulo (SP), no Cen-

²¹ Idem.

²² Ibidem.

²³ ipv.org.br/historia.php.

tro Rogate do Brasil. Após esse primeiro encontro, sentiu-se a necessidade de dar continuidade à experiência. Os institutos e as congregações voltam a se encontrar em outras ocasiões, até que no dia 15 de março de 1993, no Centro Rogate do Brasil, estando presentes os superiores e delegados provinciais das congregações e institutos com carismas vocacionais, acontecia a assembleia de pré-fundação do IPV. No evento foram apresentados e discutidos objetivos e estruturas do IPV.

28. A fundação do IPV aconteceu no dia 15 de agosto de 1993, no Centro Rogate do Brasil, sede atual do Instituto. Na assembleia de fundação foram aprovados os estatutos e o regimento, indicada a diretoria executiva, planejados as atividades e os serviços, culminando com a celebração litúrgica festiva. Em todo esse processo esteve presente Dom Joel Ivo Catapan, SVD, bispo auxiliar de São Paulo, cognominado “o bispo das vocações”, falecido em 1999. Ele foi um pai bondoso, dando apoio, incentivando e animando o surgimento do IPV.
29. O IPV é constituído por número ilimitado de membros, ou seja, Organizações Religiosas – Institutos de Vida Consagrada, Sociedades de Vida Apostólica e Institutos Seculares da Igreja Católica Apostólica Romana –, Associações Cívicas e Fundações de Direito Privado que tenham por carisma específico o trabalho vocacional.

1.2.5. Família do Rogate²⁴

30. O Serviço de Animação Vocacional Rogacionista deve envolver toda a Família do Rogate. O carisma do Rogate, deixado por nosso Fundador, Santo Aníbal Maria, a nós Rogacionistas do Coração de Jesus (RCJ) e às Filhas do Divino Zelo (FDZ), é também partilhado e vivido por alguns organismos na Igreja e na sociedade.
31. Na Província São Lucas, a Família do Rogate compreende também as Missionárias Rogacionistas, a Associação das Famílias Rog, a União de Oração pelas Vocações (UOV) e a Associação dos Ex-alunos. Além, é claro, das pessoas que não estão associadas a nós, mas comungam do carisma: colaboradores, educadores, educandos, paroquianos etc.
32. **Missionárias:** é uma união de mulheres que respondem ao chamado amoroso de Deus consagrando suas vidas mediante os Conselhos Evangélicos de Castidade, Pobreza e Obediência, e se empenham em viver e difundir no mundo a inspiração evangélica e carismática de Santo Aníbal: “A messe é grande e poucos os operários. Rogai ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe” (Mt 9,38 e Lc 2,10).
33. **Famílias Rog:** A finalidade da Associação é ajudar os casais participantes a viver a família como Igreja doméstica, a tomar consciência da própria vocação e a empenhar-se no desenvolvimento da cultura vocacional na Igreja e na sociedade. Daí a sua característica principal que é a oração pelas vocações,

²⁴ Cf. rogacionistas.org.br.

sua difusão e a caridade para com os pequenos e os pobres. A Associação é constituída por famílias cristãs que, vivendo o dom do sacramento do matrimônio, assumem os compromissos que daí decorrem.

34. **União de Oração pelas Vocações:** É uma associação eclesial inspirada no mandamento de Jesus: “Rogai ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe”, seguindo a intuição carismática de Santo Aníbal Maria. Tem como objetivo e missão rezar pelas vocações, propagar esta oração na Igreja e ser um bom operário. É formada por membros que se associam, de forma pessoal, com a responsabilidade de trabalhar para a concretização de seu objetivo, através de compromissos pessoais e comunitários. São admitidos cristãos leigos e leigas comprometidos com o trabalho na messe, pessoas de vida consagrada e ministros ordenados.
35. **Associação dos Ex-alunos:** São considerados ex-alunos Rogacionistas aqueles que estudaram em alguma obra socioeducativa Rogacionista, e também os religiosos que acabaram saindo da congregação, mas que mantêm o vínculo e a comunhão, seja pela amizade ou pelo carisma do Rogate.
36. Esses organismos vivenciam, cada um à sua maneira e segundo sua índole, a tríplice missão do Rogate: rezar pelas vocações, propagar essa oração – na Igreja e no mundo – e ser bons operários e operárias na messe do Senhor.
37. Os Rogacionistas devem não apenas contar, nos locais em que estão presentes, com a colaboração e a presença da Fa-

mília do Rogate no serviço vocacional, mas também animar para que mais pessoas façam parte da Família, aderindo a alguns dos movimentos específicos ligados ao carisma.

1.3. Evolução da linguagem: Diferença entre PV e SAV

38. De tudo o que vimos acima, em relação ao histórico vocacional em que direta ou indiretamente os Rogacionistas fizeram parte, é importante salientar a passagem ou a distinção entre os termos comumente usados, PV e SAV. Visa-se, apenas, a adequar o termo mais condizente ao trabalho vocacional que realizamos.
39. Em nível de CNBB, a animação vocacional, hoje, está a cargo da Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada (CMOVC), à qual está vinculada a Coordenação Nacional do SAV/PV. Ao longo dos anos, o tema da animação vocacional foi passando por mudanças de nome e configuração, de PV para PV/SAV e, mais recentemente, SAV/PV. Assim: “Esta comissão tem a função de ocupar-se da Animação do Serviço Vocacional, acompanhar a formação para o Ministério Ordenado, articulando a comunhão dos Seminários e Institutos que trabalham na formação por meio da OSIB, acompanhar a vida e a atividade pastoral dos diáconos, presbíteros e bispos, articular a Pastoral Vocacional, estabelecer o diálogo de comunhão com a Conferência dos Religiosos do Brasil e a Conferência dos Institutos Seculares”²⁵. Os

²⁵ Cf. <http://www.cnbne1.org.br/comissao-episcopal-pastoral-para-os-ministerios-ordenados-e-a-vida-consagrada-cmovc>.

Rogacionistas, seja pelo IPV, pelo Centro Rogate, pela revista Rogate, pela presença nos regionais, ou na contribuição individual de seus membros, historicamente, como vimos acima, tiveram sempre presença e participação significativa nesta comissão.

40. Nós, Rogacionistas, respeitando os lugares pastorais em que atuamos, passamos a adotar cada vez com mais frequência, a partir do I Congresso Vocacional, a terminologia SAV. Consideramos ser mais condizente com a atual conceituação moderna da ação vocacional, mais inclusiva e mais universal, envolvendo todos os batizados(as).

1.4. A concepção de Animação Vocacional Rogacionista

41. O Serviço de Animação Vocacional Rogacionista envolve todo o ser da pessoa e a sua realização existencial, não se limitando a uma simples estrutura pastoral, com previsão de atividades e realização de projetos externos à dinâmica da vida. Nosso serviço vocacional visa a refletir, motivar e atrair a pessoa ao seguimento de Cristo, e à sua realização plena na resposta de seu chamado.
42. Existem componentes que envolvem o trabalho de animar as vocações que vão além de uma atividade pastoral. Destacamos três. Ela é **mística**, pois envolve uma dimensão espiritual da pessoa e seu vínculo ao chamado que Jesus lhe faz, como caminho de descoberta de sua identidade própria. Ela é **testemunhal**, pois move seu serviço na polarização do testemunho e da entrega total de si, como único modo de realização plena

da vida. Ela é também **dinâmica**, pois envolve o projeto de vida da pessoa em suas várias fases de crescimento e amadurecimento, que tem sua plenitude na realização e identificação com a própria vida e missão de Jesus.

43. Nesse sentido, para nós Rogacionistas, principalmente no nível didático, é importante frisar a diferença que estabelecemos entre pastoral e serviço vocacional. Isto ajudará na internalização do que concebemos como vocação e chamado, conceitos-chave da animação vocacional.

1.5. Da Pastoral ao Serviço Vocacional

44. Os termos 'Pastoral Vocacional' e 'Serviço de Animação Vocacional' têm, ambos, sua validade e importância, trazendo em si a memória do passado e do presente da animação vocacional. Porém, estes termos se relacionam a determinado objetivo, conteúdo e método, que possuem nuances próprias na realização do trabalho vocacional.
45. Deste modo, se o trabalho vocacional estiver voltado mais às vocações na Igreja, dando uma atenção especial aos ministérios consagrados e ordenados, numa visão que exalta principalmente o aspecto teológico do Chamado e seus dons específicos, é bem provável que estamos voltados mais à designação 'Pastoral' desta atividade. Nesta especificidade, a Pastoral Vocacional se coloca dentro da diversidade de atividades possíveis na Igreja, como uma a mais, ao lado de outras atividades. Sua função é restritiva e funcional, pois está relacionada à comunidade eclesial local que, em sua estrutura

organizativa, se soma às demais pastorais. Ela está voltada ao trabalho concreto e objetivo às vocações específicas. Sua fundamentação exclusivamente teológica visa a refletir a especificidade dos ministérios e vocações dentro da Igreja.

46. Contudo, o serviço vocacional Rogacionista vai além de uma definição ‘pastoral’ de animação vocacional. Sua visão **antropológica** conecta a dimensão vocacional à dimensão existencial da pessoa, numa totalidade que envolve toda a vida. Do ponto de vista do **conteúdo**, conta com a fundamentação, além da teologia, de disciplinas afins: antropologia, filosofia, psicologia e sociologia. Na parte **pedagógica**²⁶ leva em conta o processo evolutivo da pessoa, em suas diversas fases de amadurecimento e crescimento, especificando um itinerário vocacional, que parte do despertar do chamado até o seu discernimento e conseqüente elaboração do Projeto Pessoal de Vida (PPV). Em relação à **metodologia**, procura realizar suas ações a partir de planejamentos e metas, com estratégias específicas de comunicação e de acompanhamento de adolescentes e jovens, constituindo equipes ‘multivocacionais’, atraindo o maior número de vocações na realização do serviço vocacional, fazendo ver toda a diversidade de dons, ministérios e carismas na Igreja.
47. É a partir do chamado à vida que o Serviço Vocacional Rogacionista reflete todos os outros chamados vocacionais específicos. Esta visão parte de uma concepção horizontal e universal do chamado que, indistintamente, concebe todas

as pessoas como ‘chamadas’. A realização vocacional se estende e se complementa na realização existencial. A vocação integra assim, do chamado à vida ao chamado à ressurreição, a plenitude da vida cristã.

²⁶ Cf. Cencini. *Construir Cultura Vocacional*, p. 72.

2. DOCUMENTOS VOCACIONAIS DA IGREJA E DA CONGREGAÇÃO

48. A Província Rogacionista São Lucas tem vários e preciosos documentos acerca da animação vocacional, abordados, direta ou indiretamente, seja nos Capítulos Gerais, e logo em seguida traduzidos para o português²⁷, seja nos Capítulos ou Assembleias Provinciais²⁸. *“Um primeiro projeto de Plano Vocacional para a nossa Circunscrição foi encontrado em arquivo, com o nome de “Guia de Pastoral Vocacional Rogacionista”. É de 1989 e está datilografado. Foi elaborado pela Comissão Provincial do Rogate e Promoção Vocacional da época. A própria comissão resolveu aguardar mais um tempo antes de publicá-lo, visando a aprofundar o conteúdo com outros documentos. Em 1996 foi apresentada a versão de nossa Província para o “Projeto para um Plano de Pastoral às Vocações Rogacionistas”.*

²⁷ É o caso, por exemplo, do VI Capítulo Geral, de 1980, traduzido posteriormente para o português com o título, “Promoção Vocacional e Formação Rogacionista” (ER 3), de 1985, que já trazia uma visão integrada de Formação, que começava na Animação Vocacional e terminava com a Formação Permanente.

²⁸ Em termos de organização, uma mudança significativa ocorreu a partir do Capítulo Provincial de 2014. O Setor Formação passou a envolver três núcleos de atividades, considerados consequentes um ao outro: Animação Vocacional Rogacionista, Formação Inicial e Formação Permanente. Esta mudança permite dar uma visão integral e contínua da Formação, não se encerrando, a formação, com os votos Perpétuos, mas sendo permanente, durando toda a vida do religioso Rogacionista.

cionistas”, contendo objetivos, estratégias, perspectivas, além da definição dos conceitos principais, conteúdo e critérios da Pastoral Vocacional. O projeto não chegou a ser concluído, mas serviu como base ao trabalho dos animadores vocacionais que, mesmo sem um plano, exerceram sua missão. Sentia-se a necessidade de se concluir o Plano Vocacional. Os cinco primeiros Capítulos Provinciais, com exceção do 1º, de 1986,²⁹ evidenciam tal necessidade³⁰.

49. Sintetizando todo este histórico próprio de animação vocacional chegou-se, em 2002, ao Plano Vocacional Rogacionista, que até o presente momento tem servido de base e referência à nossa Animação Vocacional. A passagem do tempo exige sua atualização, haja visto, nesse ínterim, as várias mudanças ocorridas em termos de animação vocacional na Igreja. Esta atualização visa a manter, nos aspectos gerais, uma linha de continuidade com o Plano Vocacional anterior, de 2002, porém passaremos a utilizar agora o nome de Serviço de Animação Vocacional Rogacionista (SAV-ROG), adequando-nos, assim, às novas linguagens.
50. Nesta Segunda Parte, complementar à Primeira, veremos alguns documentos mais recentes do magistério da Igreja, que nos lançam alguns desafios quanto a animação vocacional Rogacionista. Cremos que um desses grandes desafios, neste

setor, é a própria atualização e formação dos nossos animadores em relação às novas exigências do acompanhamento vocacional, e dos critérios que temos de ter presentes devido às rápidas mudanças ocorridas no mundo, na Igreja e na própria Congregação.

51. Alguns destes documentos, brevemente apresentados, tornam-se referência ao nosso serviço vocacional, e devem ser objeto de estudo e consulta para nós animadores, principalmente pela concepção e fundamentação teológica, eclesiológica e pastoral que trazem dentro de si³¹. Caminhamos, assim, em sintonia com a Igreja, em mútua ajuda e colaboração.
52. Em nível de Província destacaremos apenas: “*A Formação do Rogacionista: Ratio Institutionis*”³² e, “*Diretrizes para a Formação Inicial*” (ER 39)³³. Em nível de Igreja temos como principais: “*O dom da vocação Presbiteral – Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*”³⁴; “*Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*” (CNBB 110)³⁵. Mas, também:

³¹ Gostaríamos de citar aqui duas encíclicas do papa Francisco que devem merecer uma atenção especial também de nós, animadores vocacionais, pela importância da temática envolvida: ‘*Laudato Si*’ e ‘*Fratelli Tutti*’. A preocupação com a ecologia, ou com uma “ecologia integral”, e com a “fraternidade e amizade” social, deve dizer algo acerca do discernimento e de como compreendemos o chamado de Deus em nossa vida.

³² Província São Lucas. *A Formação do Rogacionista: Ratio institutionis*. São Paulo, 2003.

³³ Província São Lucas. *Diretrizes para a Formação Inicial* (ER 39), 2020.

³⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O Dom da vocação presbiteral – Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*, 2017.

³⁵ CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil* (CNBB 110), 2019.

²⁹ O 2º Capítulo Provincial, em 1990, propõe a elaboração de um Plano Vocacional Rogacionista (cf. n.34). A proposta ressurgiu nos Capítulos seguintes: 3º (1992, cf. n.35), 4º (1995, cf. proposta 06, “Apostolado do Rogate e Promoção Vocacional”) e 5º (1998, cf. n.31).

³⁰ *Plano Vocacional Rogacionista*, (ER 18), p. 3.

“Documento de Aparecida - V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe”³⁶; “Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus Vivit*”³⁷. Outros documentos da Igreja e da Congregação são mencionados durante todo este trabalho de atualização de nosso serviço vocacional. Seguiremos uma ordem cronológica de apresentação.

2.1. *Ratio Institutionis*

53. Nossa *Ratio*, de 1996, própria de sua natureza, dá uma atenção especial ao Processo Formativo Rogacionista. Após a parte introdutória, especificando a Vida Religiosa Rogacionista e sua identidade, são apresentados os princípios gerais da Formação Rogacionista, seu processo, agentes e etapas. O Serviço de Animação Vocacional Rogacionista³⁸ é considerado a primeira etapa do processo formativo. O Discernimento e o Acompanhamento Vocacional pessoal fazem parte de todas as etapas.
54. A *Ratio* nos lembra, também, da necessidade de se elaborar (ou atualizar) o Plano Vocacional em cada Circunscrição³⁹, como necessidade de inculturação do Rogate, a partir dos desafios específicos de cada localidade. “Cada Circunscrição,

partindo das indicações do Plano Pastoral para as vocações Rogacionistas, preparará um plano de ação e um programa, conforme suas próprias exigências culturais, pastorais e missionárias, obedecendo as indicações da Igreja local, na qual ela é chamada a atuar”⁴⁰.

55. A Animação Vocacional, segundo a *Ratio*, começa na própria Comunidade Religiosa, em nível interno, em qualquer campo de atividade em que se esteja atuando: Paróquias, Obras socioeducativas, Centros Rogate, Casas de Formação etc.⁴¹ Cada Rogacionista, pelo testemunho, é chamado a ser um bom operário na messe do Senhor. O animador vocacional específico, aquele que é nomeado pelo Superior Provincial na *Composição das Comunidades*, não age em nome próprio, mas deve sentir-se, pela unidade e comunhão, expressão viva da comunidade em seu serviço.⁴²
56. Os critérios para o Discernimento centram-se mais nos aspectos teológicos e morais do vocacionado⁴³. Contudo, se está ciente da complexidade que envolve o tema. “O trabalho de discernimento é ação delicada e complexa, que não admite critérios e fórmulas precisas”⁴⁴. A *Ratio* procura, assim, trazer de modo objetivo, através do CDC, os critérios mais condizen-

³⁶ CELAM. *Documento de Aparecida* – V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo, Ed. CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

³⁷ Papa Francisco. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* – Para os Jovens e para todos o Povo de Deus. Brasília, CNBB, 2018.

³⁸ Na RI, o serviço específico de animação vocacional é entendido, ainda, como Pastoral Vocacional.

³⁹ Cf. RI, n.271.

⁴⁰ *Ibidem*, n.271.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, n.273.

⁴² Cf. *Ibidem*, n.282.

⁴³ Cf. *Ibidem*, n.293.

⁴⁴ *Ibidem*, n.296.

tes que devem acompanhar os vocacionados em seu tempo de discernimento⁴⁵.

57. A *Ratio*, procura, ainda, indicar os principais *destinatários* da ação vocacional Rogacionista (pré-adolescentes, adolescentes e jovens) e apontar, criteriosamente, formas de acompanhamento⁴⁶. Tanto o discernimento vocacional quanto o acompanhamento vocacional pessoal não terminam quando o candidato faz seu ingresso no Instituto⁴⁷, mas continuam por toda a vida da pessoa, no seu dia a dia, inclusive após a Ordenação ou Profissão Perpétua, através da Formação Permanente.⁴⁸

2.2. Afetividade e Discernimento

58. À luz do Vaticano II, principalmente pelo decreto *Optatam totius*⁴⁹, e pelas atualizações da *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, assim como pelas orientações oferecidas pela *Pastores Dabo Vobis*, a Congregação para a Educação Católica publicou um breve instrumento acerca do acompanhamento vocacional de pessoas com tendências homossexuais, “*Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão*

ao Seminário e às Ordens Sacras”⁵⁰. Ela visa a lançar alguma luz sobre a complexidade do tema no acompanhamento vocacional, evidenciando o respeito e a atenção devida a todas as pessoas que procuram discernir sua vocação, “Estas devem ser acolhidas com respeito e delicadeza; evitar-se-á, em relação a elas, qualquer marca de discriminação injusta”⁵¹. A Instrução pede, no entanto, uma apurada análise das condições para a vivência de todas as dimensões formativas no exercício ministerial⁵².

59. Complementar a esse documento, a mesma Congregação lançou, em 2008, “*Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*”⁵³, que reflete a importância das ciências afins à teologia, no caso específico a psicologia, para ajudar no processo de autoconhecimento e discernimento dos vocacionados. A dimensão humano-afetiva requer uma atenção especial no processo de discernimento vocacional, “[...] faz notar que a dimensão humana é o fundamento de toda a formação”⁵⁴.

⁴⁵ Cf. *Ibidem*, n.297- 306.

⁴⁶ Cf. *Ibidem*, n.283-292.

⁴⁷ Sobre o tema do Acompanhamento Vocacional pessoal, a *Ratio* utiliza o estudo de A. CENCINI. *Vita Consacrata. Itinerário formativo lungo la via di Emmaus*, Roma, 1994.

⁴⁸ Cf. RI, n.293-294 e 308.

⁴⁹ Cf. Concílio Ecumênico Vaticano II, Decreto sobre a formação sacerdotal, *Optatam totius*, 28 de outubro de 1965), pp. 507-526, 1969.

⁵⁰ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao Seminário e às Ordens Sacras*. São Paulo, Paulinas, 2005.

⁵¹ *Idem*, p. 9.

⁵² Cf. *Ibidem*, pp. 10-11.

⁵³ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*. Edições CNBB, Brasília, 2010.

⁵⁴ *Idem*, n.2.

2.3. Documento de Aparecida

60. A V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenhno tem um traço marcadamente vocacional, ao recordar que todos os cristãos, “[...] em virtude de seu batismo, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo”⁵⁵. O conceito de ‘discípulos/missionários’ marcou profundamente a V Conferência, tornando-se um convite, pelo seu caráter de convocação, a um serviço vocacional engajado e comprometido, lançando-se aos novos desafios da evangelização, em que todas as vocações, ministérios e carismas têm seu lugar e sua relevância.
61. Há uma tríade da fé que anima e impulsiona todo discípulo/missionário, “Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher”⁵⁶.
62. Não obstante o apelo que convoca todos os cristãos a se responsabilizarem pela animação vocacional⁵⁷, a V Conferência é sensível à necessidade de vocações específicas que consagrem a própria vida ao anúncio do Reino. “Diante da escassez de pessoas que respondam à vocação ao sacerdócio e à vida consagrada na América Latina e no Caribe, é urgente dedicar cuidado especial à promoção vocacional, cultivando os

⁵⁵ DAp, n.10.

⁵⁶ Idem, n.18.

⁵⁷ Ibidem, n.

³14.

ambientes onde nascem as vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, com a certeza de que Jesus continua a chamar discípulos e missionários para estar com Ele e para enviá-los a pregar o Reino de Deus”⁵⁸.

63. A animação vocacional emerge, no Documento, como serviço indispensável na Igreja, que é missionária por natureza, e seus fiéis, indistintamente, discípulos/missionários por vocação.

2.4. *Ratio fundamentalis*

64. No ano de 2016 a Congregação para o Clero promulgou a nova *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, após trinta anos de sua última revisão. Uma necessidade urgente tanto para a Formação como para a animação vocacional, seja ela direcionada ao Ministério Ordenado, seja para a Vida Religiosa. A nova *Ratio* procura adequar aos novos tempos as competências e os conteúdos relativos a todo o processo formativo, que se inicia já no despertar vocacional.
65. Um dos aspectos que evidencia a *Ratio* é quanto à origem e ao destino de toda vocação. “Tal vocação é revelada e acolhida no interior de uma comunidade eclesial e forma-se no Seminário, no contexto de uma comunidade educadora que compreende vários componentes do Povo de Deus, para conduzir o seminarista, mediante a ordenação, a fazer parte da ‘família’ do presbitério, a serviço de uma comunidade de fi-

⁵⁸ Ibidem, n.315.

éis”⁵⁹. O discernimento do chamado deve voltar-se à tomada de consciência de que sua característica fundante é o ‘serviço’ à comunidade. Correlato a isso é a autorrealização da pessoa, e não o inverso, como aparentemente pode se pensar. Desta forma, é a comunidade ou o serviço a ela a razão do chamado, todo o resto, inclusive o processo formativo dos vocacionados, gira em torno desta questão central.

66. A vocação é um dom de Deus em benefício de seu povo. Motivado pelo Espírito Santo o Chamado pode ocorrer pelas mais variadas situações e mediações. “Esta vocação se manifesta em várias circunstâncias, em relação às diversas fases da vida humana: nos adolescentes, nos adultos e, como o confirma a constante experiência da Igreja, também nas crianças”⁶⁰. É neste contexto de beleza do Mistério, mas, também, de complexidade da condição humana, que o papel do animador vocacional assume importância relevante. Há, nisto, uma responsabilidade grande no serviço de mediar o chamado, fazendo com que aquela chama depositada no coração do vocacionado, como dom do Espírito, nunca se apague.
67. O processo formativo, segundo a *Ratio*, que se inicia na animação vocacional, visa a garantir e dar sustentabilidade a este chamado, que envolve todo o ser da pessoa, em suas várias dimensões: humana, espiritual, intelectual, pastoral⁶¹, e para nós, Rogacionistas, acrescentaríamos ainda, a dimensão da vida fraterna, própria da Vida Religiosa, e o Rogate, próprio

⁵⁹ RFI, p. 17.

⁶⁰ Idem, n. 11.

⁶¹ Como já mencionava a *PDV*, n.43-58.

de nossa família religiosa. A construção do itinerário vocacional, em seus quatro aspectos, como veremos mais adiante, é transpassado por tais ordens de questões, visando à maturação humana e vocacional dos que se iniciam num caminho de discernimento da vocação⁶².

2.5. Diretrizes para a Formação (CNBB)

68. A CNBB, de imediato à publicação da *Ratio* pela Congregação para o Clero⁶³, criou um grupo específico de trabalho, juntamente com outros organismos e comissões afins, para sua adaptação ao contexto da Igreja local, atendendo ao pedido para uma *Ratio nationalis* própria⁶⁴. Do resultado deste trabalho conjunto, elaboraram-se “As Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil”, aprovadas durante na 56ª Assembleia Geral da CNBB.
69. Diante dos atuais desafios é iminente a necessidade de atualização e modernização das estruturas, meios e métodos do processo formativo. Isso se dá a partir do despertar vocacional, de modo tal que cumprindo todas as etapas formativas, configurando seu coração ao de Cristo, o vocacionado cumpra plenamente a missão a que foi chamado. A cultura contemporânea desafia o processo formativo dos vocacionados. “Esses desafios repercutem na formação presbiteral e exigem uma resposta pessoal dentro de um processo que se inicia com o

⁶² Cf. RFI, n.16.

⁶³ Na Argentina, há uma comissão criada pela Igreja local para a criação da *Ratio nationalis* própria, com previsão para publicação em 2022.

⁶⁴ RFI, n.3.

conhecimento do dom recebido e amadurecido gradualmente ao longo do itinerário formativo, até configurar-se através de uma forma estável de vida, com um conjunto de deveres e de direitos, e uma missão específica”⁶⁵.

70. Neste ambiente de desafios e de mudança de época, surge a importância do serviço vocacional, envolvendo a todos: “A Pastoral Vocacional é uma tarefa fundamental na Igreja, e chama em causa o ministério dos pastores e dos leigos’. Portanto, ‘é necessário e urgente organizar uma pastoral das vocações para que seja ampla e capilar, que chegue às paróquias, aos centros educativos e às famílias, suscitando uma reflexão atenta aos valores essenciais à vida, que se resumem claramente na resposta que cada um está sendo convidado a dar diante do apelo de Deus, especialmente quando Ele pede total entrega de si e de suas próprias forças para a causa do Reino”⁶⁶.
71. As Diretrizes, recordam o que já dizia a PDV acerca da essencialidade do serviço vocacional na Igreja, “[...] a pastoral vocacional exige, sobretudo hoje, ser assumida com um novo, vigoroso e mais dedicado compromisso por parte de todos os membros da Igreja, na consciência de que aquela não é um elemento secundário ou acessório, nem um momento isolado ou setorial, quase uma simples ‘parte’, ainda que relevante, da pastoral global da Igreja (...)”⁶⁷.

⁶⁵ CNBB 110, n.11.

⁶⁶ Idem, n.79.

⁶⁷ PDV, n.34.

72. Assim, uma das particularidades da animação vocacional estaria em promover e animar todas as vocações. “A multiplicidade de desafios da obra evangelizadora exige o cultivo multiforme das vocações, seja para o clero diocesano, seja para a vida consagrada, além dos ministérios assumidos por leigos e leigas”⁶⁸.

73. As Diretrizes observam ainda que a animação vocacional, como cultura das vocações, perpassa a vida de cada cristão, envolvendo todo o seu ser. “A pastoral vocacional, que é responsabilidade de todo povo de Deus, começa na família e continua na comunidade cristã, deve dirigir-se às crianças e especialmente aos jovens para ajudá-los a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um, acompanhando-os em seu processo de discernimento”⁶⁹.

2.6. Diretrizes para a Formação Inicial Rogacionista

74. Após a publicação da *Ratio* por parte da Congregação para o Clero, e consequente publicação das *Diretrizes*, por parte da CNBB, a Província São Lucas realizou o trabalho de atualização de seu Plano de Formação Inicial Rogacionista⁷⁰, publicando as “Diretrizes para a Formação Inicial”⁷¹. Nosso Serviço de Animação espelha-se em tal publicação para lançar seu plano vocacional⁷².

⁶⁸ CNBB 110, n.81.

⁶⁹ Idem, n.84.

⁷⁰ *Plano de Formação Rogacionista* (ER 23), 2005.

⁷¹ *Diretrizes para a Formação Inicial*, (ER 39), 2020.

⁷² “Portanto, essas Diretrizes para a Formação Inicial devem estar em sintonia

75. Definida as etapas, os tempos, as estruturas, os conteúdos e responsáveis pela Formação Inicial, fica mais fácil, ao vocacionado, compreender e interiorizar o processo formativo à Vida Religiosa Rogacionista. Isto faz com que esta parte mais objetiva da formação encontre eco em seu interior, fazendo ressoar subjetivamente o convite do Mestre, motivando-o em seu caminho e em sua resposta vocacional. As Diretrizes para a Formação Inicial Rogacionista salientam que o processo de discernimento não termina com o ingresso ao Instituto, mas continua por todas as fases sucessivas da formação, compreendendo, inclusive, a Formação Permanente. “A Vida Religiosa Rogacionista não termina com a aplicação das Diretrizes para a Formação Inicial, contidas em cada etapa deste documento. Seu objetivo é também a Formação Permanente, ou seja, conscientizar o formando, já na etapa inicial, que seu processo de amadurecimento pessoal nas diferentes fases da vida, para sua plena consagração e missão, é um caminho permanentemente aberto, sem fim”⁷³.
76. Nesta perspectiva, o processo formativo à Vida Religiosa Rogacionista compreende uma totalidade, onde a animação vocacional é, significativamente, o início deste longo e permanente caminho, aperfeiçoando, pacientemente, dons e talentos pessoais, em vista do serviço à Igreja, por meio do carisma do Rogate.

com as Diretrizes para o Serviço de Animação Vocacional Rogacionista e as Diretrizes para a Formação Permanente, documentos que futuramente também serão atualizados na Província”, idem, n. 05.

⁷³ Ibidem, n.155.

2.7. *Christus vivit*

77. Um documento referencial para a animação vocacional também é a Exortação Apostólica Pós-Sinodal, do papa Francisco, *Christus vivit*, que apresenta uma eclesiologia dinâmica e viva, interpelada pelos sinais dos tempos. Ela lança um olhar de esperança aos jovens, convidando toda a Igreja a se engajar na acolhida e abertura, sendo receptiva aos seus anseios e desejos. Uma Igreja que os compreenda e os motive, a partir do que é próprio desta fase da vida. Jesus deve ser para eles, “⁷⁴a verdadeira juventude em um mundo envelhecido”.
78. Neste sentido, a Exortação pede que a Igreja deixe transparecer sua juventude. “Ser jovem, mais do que uma idade, é um estado do coração. Assim, a instituição tão antiga como a Igreja pode se renovar e voltar a ser jovem em diversas etapas de sua longa história”⁷⁵.
79. Superar certas posturas e estruturas que lhe prendem ao passado é importante, porém não basta seguir as tendências modernizantes da sociedade para dizer que a Igreja, apenas superficialmente, é jovem. “Peçamos ao Senhor que livre a Igreja dos que querem envelhecê-la, mantê-la no passado, detê-la, torná-la imóvel. Também peçamos para livrá-la de outra tentação: acreditar que é jovem porque ela cede a tudo o que o mundo lhe oferece, acreditar que se renova porque esconde sua mensagem e imita os outros. Não. É jovem quando é ela

⁷⁴ ChV, n.32.

⁷⁵ Idem, n.34.

mesma, quando recebe a força sempre nova da Palavra de Deus, da Eucaristia, da presença de Cristo e da força de seu Espírito cada dia. É jovem quando é capaz de retornar sempre de novo à sua fonte⁷⁶.

80. Nesse sentido, Igreja deposita nos jovens a esperança de um renovado ardor. “São precisamente os jovens que podem ajudá-la a se manter jovem, a não cair na corrupção, a não se acomodar, a não se orgulhar, a não se tornar uma seita, a ser mais pobre e testemunhal, a estar próxima dos últimos e descartados, a lutar por justiça, a se deixar interpelar com humildade⁷⁷.”
81. Dentro do que nos pede a Exortação, é fundamental oferecermos, primeiramente, um serviço vocacional que faça Jesus se aproximar dos jovens, “O fundamental é discernir e descobrir que o que Jesus quer de cada jovem é, antes e tudo, sua amizade. Esse é o discernimento fundamental⁷⁸.”
82. Numa perspectiva de missionariedade, a ação vocacional é universal. “Portanto, devemos pensar que toda a pastoral é vocacional, toda formação é vocacional, e toda espiritualidade é vocacional⁷⁹.”

⁷⁶ Ibidem, n.35.

⁷⁷ Ibidem, n.37.

⁷⁸ Ibidem, n.250.

⁷⁹ Ibidem, n.254.

3. VOCAÇÃO E AUTOCONHECIMENTO

83. Qual é o meu lugar no mundo? O que Deus espera de mim? A resposta a essas perguntas provocativas, implicam duas coisas distintas, mas complementares entre si: uma diz acerca da missão do Serviço de Animação Vocacional (SAV), e a outra, do seu destinatário, o vocacionado. Ao primeiro, que seja capaz, de fato, de ajudar o vocacionado a refletir e a encontrar um caminho que seja o seu, existencial e de fé, construindo sua identidade em correspondência com o seu verdadeiro ser, respondendo ao mesmo tempo: Quem sou eu?, e, “Para quem sou eu?”⁸⁰. Cabe ao animador vocacional, neste processo de autodescoberta, oferecer a “[...] sua pessoal, convicta e cordial colaboração⁸¹.”
84. Ao segundo, que tenha a docilidade de espírito e a abertura necessária para compreender que necessita de ajuda; que não tem todas as verdades, mas que também não está sozinho. O serviço vocacional é uma dessas medições de ajuda. No 4º capítulo, sublinharemos algumas outras mediações para o discernimento.
85. A vocação está em relação direta com o autoconhecimento. Não poderá discernir o chamado quem não conhece a si mes-

⁸⁰ ChV, 286.

⁸¹ PDV, n.32.

mo, suas virtudes e defeitos, de modo que consiga, com o tempo, potencializar as primeiras e corrigir os segundos, de acordo com sua identidade vocacional. Assim, para além do mistério que é o ser humano, é possível conhecermo-nos o suficiente, estabelecendo as bases de um projeto de vida que traga harmonia e sentido àquilo que fazemos.

86. Aos que desejam fazer uma experiência vocacional Rogacionista, é necessário fornecer-lhes as condições e os instrumentos necessários para se conhecerem. O animador/formador vocacional deve pensar suas ações e estratégias em vista deste objetivo. Para isso, deve contar com ferramentas que favoreçam o encontro do vocacionado consigo mesmo, numa aproximação de alguém que deseja, acima de tudo, ajudar. Autoconhecimento que começa no período de animação, e que não se encerra nas fases formativas sucessivas, seja na Inicial ou na Permanente.
87. Faremos apenas alguns breves apontamentos que visam a auxiliar, através de alguns conteúdos da ciência psicológica, o trabalho de acompanhamento e de discernimento do animador em relação ao vocacionado⁸². A descoberta e a realização da vocação e sua correspondente missão no mundo deve começar, primeiramente, no interior da pessoa, o que lhe permitirá se lançar para fora, com toda força e energia necessária. Sa-

⁸² Para o uso da psicologia no processo formativo tomaremos como ponto de referência as orientações dadas pela Congregação para a Educação Católica, no documento *“Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio”*. Edições CNBB, Brasília, 2010.

ber ‘quem sou’ e ‘para quem sou’ é uma condição para me realizar naquilo que sou chamado a ‘fazer’ como dom vocacional.

88. O conjunto somatório de tudo o que somos: sentimentos, sensações, desejos, necessidades, motivações, constitui a realidade assim chamada intrapsíquica, ou psicogênese, fonte e origem de constituição de toda identidade. E sem descobrirmos nossa verdadeira identidade, não será possível descobrir a qual vocação nos sentimos chamados⁸³. O comportamento do vocacionado está relacionado a tais ordens de questões, conscientes e inconscientes, que devem ser compreendidas e integradas para seu pleno crescimento e amadurecimento vocacional.

3.1. Contribuição da Psicologia

89. Em relação ao itinerário vocacional, nesta terceira parte, estamos no nível do acompanhamento daqueles que já desejam fazer uma experiência em alguma de nossas casas formativas, que corresponde ao tempo do discernir. Quando possível, para o bom desenvolvimento dos trabalhos, devemos pedir a colaboração das ciências humanas, em especial da psicologia⁸⁴, ajudando, efetivamente, para que o vocacionado descubra sua verdadeira identidade vocacional. Em relação

⁸³ Não sem motivo, a PDV estabelece como a primeira das quatro dimensões formativas, dada sua importância, a dimensão humana, onde as demais devem se apoiar como condição de desenvolvimento. “Sem uma oportuna formação humana, toda a formação sacerdotal ficaria privada de seu necessário fundamento”. N.43.

⁸⁴ Cf. RFI, n.189.

ao acompanhamento propriamente dito, veremos algumas especificações, no que se refere ao desenvolvimento da personalidade, que sinalizam a predisposição do vocacionado à Vida Religiosa, assumindo um estilo de vida, pela liberdade e pela fé, consonante ao de Jesus.

90. A opção vocacional necessita ser objeto de um cuidadoso e apurado discernimento. A pura manifestação do desejo de optar por um caminho vocacional de consagração não é suficiente para garantir a autenticidade da opção⁸⁵. Neste nível de questões entra o papel importante, e ao mesmo tempo exigente, do animador vocacional: ajudar a discernir as motivações mais profundas, que nem sempre estão ao nível da consciência, mas que acabam determinando as atitudes e condutas do vocacionado. “O formador deve saber avaliar quer a pessoa na sua globalidade e progressividade de desenvolvimento – com os seus pontos fortes e os seus pontos fracos – quer na consciência que ela tem de seus problemas, quer ainda na sua capacidade de controlar responsável e livremente o próprio comportamento”⁸⁶.
91. Por vezes, deparamo-nos com duas situações bem conhecidas: uma excessiva segurança em torno da própria vocação é de início suspeita, pois por detrás dela podem se esconder outros interesses e preocupações, manifestadas inconsciente-

⁸⁵ Cf. RFI. n.201.

⁸⁶ Congregação para a Educação Católica no documento, “*Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*”, n.4.

mente. Ou, quando menos, levar a uma postura clericalista⁸⁷. Por outro lado, um excessivo desapego da própria vocação, ou pouca convicção, com raras certezas e muitas dúvidas, também deve ser questionável. Não significa, em nenhuma das duas situações extremas, que os sinais vocacionais estejam totalmente comprometidos, porém a pessoa pode estar se sentindo motivada por princípios equivocados, com os quais deverá ser confrontada e reorientada ao seu verdadeiro significado. É importante que o vocacionado alcance o autoconhecimento, investigando tais motivações de fundo e o que o faz optar pela vocação à Vida Religiosa. Objetiva-se, desse modo, próprio do serviço vocacional, que ele chegue ao pleno amadurecimento de sua opção.

92. No plano psicológico, podemos nos mover em dois níveis distintos do discernimento: externo-superficial e interno-profundo. No primeiro, há uma carência de discernimento quando os vocacionados, no plano consciente, buscam um outro fim que não o serviço e o bem comum. Há uma compreensão superficial quanto as razões da opção vocacional e de suas exigências, sendo a vocação vista mais como autorrealização e servindo mais às suas necessidades próprias do que doação ao Reino. No segundo, mais profundo e mais complexo, que psicologicamente se conhece como autoengano, ou seja, a situação em que a pessoa desconhece suas próprias motivações e para que fim se destinam. Neste nível, se lida com a complexidade da personalidade, quando se desconhece as origens motivacionais que fazem seguir determinado caminho.

⁸⁷ Cf. ChV, 98.

Pode, nesse nível de profundidade do psíquico, camuflarem-se vários complexos e situações internas “que provocam distúrbios”⁸⁸, e que impossibilitariam o seguimento livre e autônomo a um ideal de vida exigente, como é caso da Vida Religiosa e Ministerial.

93. Nesses termos, discernimento vocacional, “é a capacidade e a disposição existencial para separar ou distinguir entre a verdadeira e a falsa dedicação da pessoa a um fim”⁸⁹. Por vezes, o animador/formador pode caminhar por águas calmas e tranquilas do discernimento do vocacionado, bastando apenas, o que não é pouco, a pedagogia da presença. Contudo, há casos, em que as situações internas e mais profundas necessitam vir à luz, atitudes e reações que não são de todo conhecidas do próprio vocacionado, mas que acabam atrapalhando sua caminhada de maturação vocacional. Para estes casos o acompanhamento é essencial. Situações que muitas vezes emergem e vem à luz, quando se tem um convívio mais próximo. Por isso o tempo de convivência, de no mínimo seis meses, é imprescindível⁹⁰.

⁸⁸ Congregação para a Educação Católica. *Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, n.5

⁸⁹ El discernimento, visión de conjunto, p.9.

⁹⁰ “Na fase de discernimento inicial, no caso de dúvida sobre a presença de distúrbios psíquicos, o auxílio de especialistas das ciências psicológicas pode ser necessário, sobretudo ao nível do diagnóstico. No caso de se constatar a necessidade de uma terapia, essa deveria ser realizada antes da admissão ao Seminário ou Casa de Formação”. Congregação para a Educação Católica. *Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, n.8.

3.2. Sistema motivacional

94. Na base da construção da personalidade estão as motivações. Vejamos sua relação com a opção à Vida Religiosa. O discernimento vocacional pode ser visto a partir de duas perspectivas distintas: como *realidade humana*, pois necessita, a partir dos dons e desejos pessoais, fazer escolhas que visam a realização pessoal, e como *realidade espiritual*, quando interpreta a vida como algo que transcende a realidade e a própria autorrealização, como resposta ao chamado de Deus. Ambas as situações estão apoiadas em nosso sistema motivacional.
95. O ser humano se diferencia dos animais, principalmente, pela consciência de unidade que possui do seu eu. “Por isso se pode dizer que o homem é chamado a ser pessoa, e a crescer em suas qualidades de pessoa, precisamente adquirindo uma consciência de si e caminhando para uma unidade do seu eu”⁹¹. É em torno da compreensão de ‘unidade do eu’ que se pode pensar o nosso desenvolvimento integral: físico, psíquico, existencial, espiritual e vocacional. A personalidade, conceito importante ao aprofundamento da vocação, é o modo único irrepetível de cada pessoa ser.
96. Levando em conta a própria história pessoal, a constituição da personalidade determina o modo como se relacionam os componentes de nosso psiquismo: necessidades, sentimentos, desejos, valores, atitudes. É o conjunto desses componentes, como predisposições internas, vivenciados em situações

⁹¹ Sacerdotes Operarios Diocesanos. *Curso de discernimiento vocacional*, p.11.

concretas, que acabam constituindo o modo de ser de cada pessoa.

97. Compreender, minimamente, seu desenvolvimento e como se manifestam no relacionamento com os outros, consigo mesmo, com o mundo e com Deus, é chegar às verdades do próprio eu. Neste sentido, gostaríamos de destacar apenas três destes componentes que ajudam a definir a personalidade: as necessidades, atitudes e valores.
98. **Necessidades:** São tendências à ação. Contém energia psíquica, sem as quais o ser humano não seria capaz de elaborar ou executar qualquer pensamento ou gesto. Sempre nos dirigimos a elas para amar, conhecer, estabelecer relacionamentos, superar dificuldades, planejar coisas etc. Contudo, a necessidade indica apenas uma tendência em nós, “por isso, não determina um comportamento específico, nem indica uma direção concreta que o comportamento deve tomar. Não contém uma direção de percurso, mas apenas uma orientação preferencial”⁹². Embora condicionem certos comportamentos elas não têm a última palavra sobre nossas ações. Em condições de equilíbrio, a pessoa pode decidir qual necessidade deseja seguir, sendo consoante com seus objetivos e sentido de vida. Porém, em casos opostos, pode ser determinado por elas, gerando situações de desequilíbrio e desordem interna na pessoa. Tipos de necessidade: aceitação social, afiliação,

ajudar os outros, autonomia, estima de si, ordem, aquisição, agressividade, gratificação erótica etc.⁹³

Atitudes: É o estado da pessoa em que há predisposição para responder às solicitações que lhe vêm de fora. “Uma atitude é uma organização relativamente duradoura de crenças relativas a um objeto ou uma situação, que predispõe a responder segundo um certo modo preferencial”⁹⁴. Se a necessidade confirma tendências em nós, a atitude confirma a intenção que antecede a ação. Elas podem ser de origem *fisiológica* (determinada pela idade, bem-estar, cuidado de si etc.); *social* (condicionamentos, influência da cultura, pertença a grupos etc.), e *experiência pessoal* (modos de perceber a realidade, memória afetiva, expectativas, traumas)⁹⁵. Envolve, em todas elas, a própria história de vida, o que acaba predispondo a pessoa a determinados comportamentos.

Valores: É o ponto atrativo que puxa a pessoa à ação. Se a necessidade empurra, o valor atrai. Uma está atrás (passado), a outra está à frente (futuro). “Os valores são ideais duradouros e abstratos que se referem tanto à conduta atual como ao objetivo final da existência”⁹⁶. Os valores são frutos de uma opção livre e responsável, de alguém que estabeleceu prioridades em sua vida. Por isso, pela internalização, os valores se tornam o fator de tração de todo aparato psíquico, fazendo-o, conscientemente, tomar determinada direção.

⁹³ Cf. Idem, p. 79.

⁹⁴ Ibidem, p. 84.

⁹⁵ Cf. Ibidem, p. 95.

⁹⁶ Ibidem, p. 104.

⁹² Cencini e Manenti. *Psicologia e Formação*, p. 72-73.

99. Por meio desses três atributos da personalidade pode-se chegar aos elementos que fundamentam todo projeto de vida, o que na psicologia do profundo chama-se de ideal, ou, motivação dominante. “Necessidades, atitudes, valores e interesses são integrados num sistema de contínua evolução, por meio de um processo dinâmico e constante que leva à formação de um eu ideal. A esse propósito, a influência de um motivo central dominante, ou de um sistema de motivos, é decisivo. A motivação dominante coordena e finaliza todas as particulares necessidades, atitudes, valores e interesses, dando-lhes uma característica, sua força e sua profundidade de sentido”⁹⁷.
100. No serviço vocacional é fundamental saber, do vocacionado, quais são suas necessidades mais profundas, quais atitudes que formam ou direcionam suas ações, e quais valores que cultiva como princípios inalienáveis, formando, internamente, seu ideal de vida. Fazer com que os vocacionados/formandos entrem em contato com tais ordens de questões, que formam a própria personalidade, seja no plano consciente, seja no plano inconsciente ou subconsciente, é pô-los num caminho de descoberta e de autoconhecimento. O contato com a ‘motivação dominante’, base da construção do ideal vocacional, ou do Projeto Pessoal de Vida, dependerá da verdade e sinceridade com que lidam com suas necessidades, atitudes e valores. Um caminho permanente de descobertas e revelações, em que o animador vocacional, pela presença e orientação, tem muito a contribuir⁹⁸.

⁹⁷ Rulla. *Psicologia do profundo e vocação – A pessoa*, p. 49.

⁹⁸ Cf. Congregação para a Educação Católica. “*Orientações para utilização das*

3.3. Estima de si

101. Um dos componentes essenciais ao permanente discernimento e perseverança vocacional diz respeito a autoestima. Ela envolve nossa estrutura psíquica como energia motivadora de tudo o que fazemos. A própria definição da personalidade pode sustentar-se nesta necessidade natural de nos percebermos positivamente.
102. A autoestima é indispensável à percepção do chamado. Sentir-se amado, querido, acolhido, motivado e ‘con-vocado’ por Deus depende muito de como se lança o olhar sobre a própria vida, e qual o significado que se empresta ao passado e ao presente para planejar o futuro. Tudo isso depende dessa energia psíquica que brota do mais profundo de nós, fazendo nos alegrar nas conquistas, superar as dificuldades e nos lançar, permanentemente, a novos desafios.
103. Ela é indispensável à vida, caso contrário a pessoa “sente-se incompetente, inferior aos outros, toda circunstância de vida torna-se uma ameaça, até que termina isolando-se ou recorrendo a mecanismos de defesa que deverão iludir do contrário”⁹⁹. Inclusive, algumas doenças psíquicas estão relacionadas à baixa estima, que impede a pessoa de crescer e de explorar todo o potencial de seus dons e talentos. A pessoa sempre se vê numa dimensão menor em relação a tudo e a todos.

competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio”, n. 9.

⁹⁹ Cencini e Manenti. *Psicologia e Formação*, p. 175.

104. A presença da autoestima, ao contrário, “[...] faz nascer aquela segurança e confiança em si que são fundamentais para assumir os empenhos da vida e as relações com os outros: só se for seguro de si, o homem poderá dar-se e amar, ou seja, abandonar-se e perder-se sem necessidade de defesas e de sustentáculos artificiais para a própria identidade”¹⁰⁰. Por sua própria natureza, a estima oferece elementos essenciais à própria perseverança vocacional. O enfrentamento das situações de resistências naturais na vida, a superação dos momentos de crises e incertezas, têm nela seu ponto de apoio. Isso faz da presença da autoestima um critério vocacional.

105. Não seria por menos, a percepção do amor, seja ele recebido, seja ele oferecido, condição de toda vocação; ele bebe das fontes da autoestima. Essa autoavaliação positiva e integradora faz a pessoa se predispor à entrega total e gratuita, sem reservas. Algumas condições para autoestima:

- a) **Conhecimento objetivo de si:** é algo indispensável à autoestima. Perceber realisticamente o eu, no que há de positivo e negativo, impulsionando o primeiro e integrando o segundo, é algo essencial à vida. Faz sentir-se mais dono de si. Psicologicamente, dispõe a pessoa a um justo equilíbrio entre como se vê e se sente (eu atual), e como se projeta a ser (eu ideal). O conhecimento objetivo de si é condição de estabilidade e de estrutura da própria identidade.
- b) **Capacidade de apreciar aquilo que se é (eu atual):** Não é algo tão simples quanto parece. Depende de um conhe-

¹⁰⁰ Idem, p. 175.

cimento realístico do eu. É algo que se fundamenta não apenas no conhecimento racional próprio, como alguém que conhece bem os mecanismos de sua natureza, mas, principalmente, parte de uma sensibilidade positiva de si, ou da capacidade de desfrutar e saborear daquilo que se é, sem constrangimentos. Não se envergonha de suas fraquezas, mas sente-se disposto e livre para superá-las.

- c) **Tensão sadia para o bem (eu ideal):** A imagem de si não se constrói somente com o presente, mas é envolvida, também, pelo olhar que se projeta ao futuro. Parte da capacidade que se tem de escolher o bem, ou de idealizar situações em que o eu concretizar-se-á. A estima de si faz a pessoa, naturalmente, lançar-se sempre adiante, numa tensão saudável com o presente que, existencialmente, necessitará sempre ser transcendido, pois a vida se recria permanentemente.
- d) **Integração do negativo presente na própria vida:** O último elemento a ser considerado é que a estima própria deve se apoiar sobre a totalidade da pessoa. Não se pode escolher apenas aquilo que é positivo e negligenciar o negativo, tal postura parte de uma estima fragmentada, o que compromete o amadurecimento da pessoa. Esta integração do negativo passa pelas situações simples até as mais complexas da vida. “Existem feridas que não cicatrizam nunca e com as quais é necessário aprender a conviver”¹⁰¹. Contudo, deve-se buscar sempre sua integração, por mais

¹⁰¹ Ibidem, p. 184.

difícil e exigente que seja, como condição do amadurecimento e da realização plena da pessoa¹⁰².

3.4. Níveis de integração da pessoa

106. Acompanhar vocacionalmente significa, também, compreender os motivos pelos quais o vocacionado age ou reage de determinada forma. Tal compreensão refere-se à psicodinâmica do indivíduo. Ela envolve seus níveis de estrutura interna e como estão interconectados entre si: necessidades, atitudes e valores.

107. A psicodinâmica, como síntese da manifestação comportamental do eu, envolve as estruturas consciente e inconsciente do eu. Há, portanto, diferentes níveis de acesso à pessoa, que a depender da história pessoal, podem ser de mais fácil interação, ou mesmo, por motivos de traumas e bloqueios, apresentar regiões do psíquico inacessíveis, a ele próprio e aos outros. Um esquema pode ser assim apresentado em relação às quatro áreas de manifestação do eu, consciente e inconsciente¹⁰³.

	Conhecido pelo eu	Desconhecido do eu
Conhecido pelos outros	A área pública	B área cega
Desconhecido dos outros	C área secreta	D área subconsciente

¹⁰² Cf. Congregação para a Educação Católica. *Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, n. 9.

¹⁰³ Conhecido como Esquema de Johari, cf. Rulla. *Psicologia do profundo – As instituições*, p.108.

Elas dizem sinteticamente acerca do eu que:

- a) o que é conhecido pelo eu e pelo outros: área pública
- b) o que é desconhecido do eu, mas conhecido pelos outros: área cega.
- c) o que é conhecido pelo eu, mas desconhecido dos outros: área secreta.
- d) o que é desconhecido tanto do eu quanto dos outros: área subconsciente, em especial a inconsciente e profundamente pré-consciente.

108. O acompanhamento vocacional não tem a incumbência de acessar todas as áreas; isso por vezes é impossível, a não ser às pessoas tecnicamente formadas, como especialistas e terapeutas, como é o caso de acesso para a área D¹⁰⁴. Não obstante é possível conhecer o vocacionado, como o que se refere principalmente ao retângulo A, mas também nos aspectos mais relevantes de sua personalidade, diminuindo os espaços obscuros pertencentes ao retângulo B e C. Onde for possível, o trabalho vocacional conte com a contribuição da

¹⁰⁴ A área D, desconhecida tanto para o eu como para os outros, pertence ao subconsciente, mas nem por isso é menos presente em nossas atitudes: “Uma pessoa que ajuda os outros (A), é vista como caridosa (B), e sensível em colaborar (C): as três áreas fazem um tipo sempre disponível. Mas, se na área D existe uma necessidade conflitiva de dependência afetiva, o quadro psicodinâmico se altera: a verdadeira fonte de tanta disponibilidade não é só o valor da caridade, mas também a necessidade de ser amada e reconhecida. Aquela pessoa dá com a necessidade subconsciente de receber”. Cencini e Manenti, *Psicologia e Formação*, p. 52.

psicologia, em atividades individuais ou em grupo, para integração e autoconhecimento dos vocacionados¹⁰⁵.

109. O serviço vocacional deve criar momentos formativos e de discernimento em que seja possível ao vocacionado sentir-se em condições e à vontade para manifestar sua personalidade. Isto pode ser feito de modo formal ou informal: diálogos, entrevista, momentos de convivência, encontros, visitas aos familiares, à comunidade de origem etc.
110. Para o devido discernimento do vocacionado e o seu conhecimento pelo animador vocacional, é imprescindível a convivência na comunidade formativa, onde haverá condições de interagir envolvendo, principalmente, as suas regiões A, B e C. Por isso é recomendável, no processo de discernimento Rogacionista, ao menos 6 meses de convivência na comunidade formativa onde está se realizando o discernimento, antes de seu ingresso na Congregação.
111. O relatório de ingresso na Congregação (cf. Anexo II) deve fazer breves apontamentos em relação à maturidade humano-afetiva, de modo que o processo de discernimento e de formação, nesta dimensão específica, possa continuar nas etapas sucessivas. O objetivo do autoconhecimento é favorecer a internalização das atitudes e valores vocacionais, e que o vocacionado alcance seu pleno crescimento e amadurecimento, em todas as dimensões. Tal processo formativo se

inicia já no acompanhamento vocacional, mas deverá durar por toda a vida¹⁰⁶.

3.5. Afetividade e sexualidade no discernimento vocacional

112. Um dos temas a serem abordados com os vocacionados no processo de discernimento vocacional é a afetividade e a sexualidade. Parece estranho, mas o maior problema a ser lido quanto a esse assunto está mais relacionado ao excesso de informações, por vezes confusas e distorcidas, do que à sua falta. A superficialidade com que é tratado e a rapidez com que circulam informações a respeito tendem mais a confundir e distorcer a verdadeira compreensão da vida afetiva, e qual sua importância na realização plena da vida da pessoa, do que propriamente seu esclarecimento. Por outro lado, há de se reconhecer que este excesso tirou certo peso e tabu do tema, levando a ser tratado com mais leveza e naturalidade com os vocacionados.
113. A vida afetiva, dada sua importância e centralidade no estabelecimento do projeto de vida, deve estar presente, através do diálogo franco e transparente, em todo o itinerário vocacional, do despertar, passando pelo acompanhar e cultivar, até o discernir. Sua definição é abrangente. Toca em todas as áreas de desenvolvimento da pessoa, conscientes e inconscientes, referindo-se, principalmente, à nossa capacidade de experien-

¹⁰⁵ Cf. Congregação para a Educação Católica. *“Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio”*.

¹⁰⁶ Cf. DFI (ER 39).

ciar e lidar com sentimentos, desejos, emoções, paixões, inclusive no tocante à nossa experiência de Deus¹⁰⁷.

114. Não por menos, incide diretamente na constituição do caráter da pessoa, o modo como lida com sua vida e com a vida das outras pessoas. Existencialmente, como vê e sente o mundo à sua volta, mais positivo ou negativo, ou mais acolhedor ou ameaçador. Trata, enfim, da nossa sensibilidade, de como as coisas nos chegam, e como as devolvemos na forma de sensações e reações.
115. A afetividade e sexualidade envolvem a formação permanente do consagrado, mas as bases de sua construção, seu sentido e significado, devem já ser postos no processo do discernimento vocacional. Felizmente, para um desenvolvimento integral, sua presença nos acompanhará a vida inteira.
116. A melhor forma de abordá-la é considerar que nunca estamos suficientemente maduros ou preparados, e que a vida, por nossas emoções e sensações, tem sempre algo novo a nos ensinar. Espiritualmente e com a humildade que nos cabe como criaturas de Deus, podemos dizer que somos barro nas mãos do oleiro (cf. Jr 18,6). E que nossa construção existencial, por mais pessoal que seja, pode ter sempre sua colaboração, dependendo muito de nossa capacidade de abertura e diálogo com Ele.
117. Levando em conta as considerações acima, é importante ressaltar que no processo de discernimento vocacional, não

podemos abordar a afetividade e sexualidade de modo uniforme. Os critérios se estabelecem a partir de cada fase da vida, tudo isso em vista de esclarecer e aprofundar o Projeto de Vida Pessoal. Nesse sentido, algumas breves distinções são importantes.

3.5.1. Na Adolescência e Juventude

118. Levando-se em consideração o excesso de informações e, mesmo, de formação a esse respeito, o diálogo do animador vocacional com o vocacionado deve se estabelecer mais numa linha do autoconhecimento. Embora se saiba, também, da precocidade com que se lida e se vive hoje esse tema nas famílias e na sociedade de modo geral. As questões levantadas visam a refletir a vocação ou as vocações possíveis como projeto de vida, e têm por objetivo aflorar e trabalhar no jovem vocacionado sua sensibilidade, percebendo suas inclinações e dons mais naturais.
119. É possível educar e orientar nossa sensibilidade e nossos sentidos, mas isso só acontecerá se houver a predisposição de acolher um caminho de discernimento e crescimento, que se iniciará com a resposta à pergunta mais original, 'quem sou eu'?, como vimos acima. Deve-se deixar claro, no discernimento vocacional, que na vida cristã há vários caminhos vocacionais possíveis de serem seguidos, nos quais minha vida afetiva deve se refletir e se identificar, como condição de resposta ao chamado de Deus e de realização pessoal, e que

¹⁰⁷ Cf. PDV, n. 43.

o mais autêntico e verdadeiro caminho é aquele que escolho livremente¹⁰⁸.

120. No processo de discernimento, por mais que se procure estabelecer um referencial metodológico de acompanhamento, não é possível seguir padrões e modelos universais. O contexto pessoal, familiar e social deve ser levado em conta, de modo que um processo pedagógico e educativo de acompanhamento possa se estabelecer, respeitando essa diversidade de contextos que incidem na vida do vocacionado, e que exigem da parte do animador o devido respeito e acolhida.
121. Uma consideração geral. Nesta fase da vida, principalmente na adolescência, o processo de aprendizagem e absorção dos valores está se consolidando, o que pode facilitar a abordagem e um diálogo mais construtivo da vida afetiva no acompanhamento vocacional. Um clima familiar harmônico, com experiências afetivas de acolhida e amor contribui sensivelmente para essa formação. Porém, como se sabe, não há determinismo nesse tema. O que pode ser instrutivo e educativo para um, nem sempre o é para outro.
122. Há de se levar em conta essa variação na formação durante o processo de discernimento, e não achar que as mesmas perguntas e respostas sempre se repetem na vida dos vocacionados. É muito importante, por isso, personalizar o acompanhamento, e não tratar ao modo de “rebanho”, o que não cativa e nem educa. O acompanhamento requer de ambos,

vocacionado e animador, proximidade e confiança. Algo aparentemente simples, mas exigente.

3.5.2. Na Vida adulta

123. Tem aumentado, principalmente na Vida Consagrada masculina, a procura de vocações adultas desejando fazer experiências formativas em busca do discernimento vocacional¹⁰⁹. A abordagem da afetividade e da sexualidade nesta fase da vida deve ser diferenciada do acompanhamento dado aos adolescentes e jovens.
124. A qualidade e as experiências da vida afetiva, estabelecidas até então, devem ser pedagogicamente compartilhadas. O que pode exigir, naturalmente, um maior tempo de acompanhamento. O importante é não ter pressa e não queimar etapas no processo de discernimento vocacional, independentemente da idade¹¹⁰.
125. Nesta fase, com experiências afetivas consolidadas, deve-se manter um diálogo transparente e honesto com o vocacionado. Certificando-se das condições de assumir e viver a castidade em vista da consagração, e o que isso implica na construção do seu projeto de vida pessoal. Quais as motivações mais profundas que o movem nessa direção? Em vista de quê e por que deseja se consagrar? Sabe-se, que para um coração que deseja e crê, nunca é tarde demais para reeducar

¹⁰⁹ Apresentaremos alguns elementos de discernimento acerca das vocações adultas no capítulo seguinte.

¹¹⁰ Cf. RFI, n. 24.

¹⁰⁸ Cf. CNBB 110, n. 190d.

seus sentidos e sua sensibilidade afetiva, “por meio da contínua correspondência do candidato à obra da graça”¹¹¹.

3.5.3. Afetividade e experiência de Deus

126. Nossa maturidade afetiva constrói e determina nossa relação com Deus¹¹². Somente uma vocação que busca o equilíbrio e harmonia interior terá condições de assumir a castidade como mediação de sua consagração, sem subterfúgios. Viver-se-á a fecundidade da vida não numa relação conjugal, mas na doação total de si Àquele que nos amou por primeiro. O desejo de se consagrar só pode se instalar num coração transbordante de amor, que experienciando este amor infinito de Deus, consegue amar, a exemplo do Amado, não uma única pessoa, mas toda a humanidade. A consagração deve-se assentar sobre esse ideal e sobre essa experiência de amor.

3.6. A importância das Crises

127. A motivação vocacional está relacionada às características da personalidade, como vimos acima, que acabam influenciando, diretamente, as escolhas e decisões da pessoa. É importante recordar que as motivações vocacionais têm, habitualmente, ao menos as mais profundas, um conteúdo inconsciente. “Este conteúdo é inconsciente porque depende de uma série de necessidades que entram em conflito com os valores que

¹¹¹ Cf. Congregação para a Educação Católica. “*Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*”, n. 2.

¹¹² Cf. PDV, n. 44.

a pessoa, ao fazer a opção vocacional, considerou e aceitou como bons para si, na formulação de um eu ideal”¹¹³. O que comumente em psicologia chama-se crise, é a resultante, na pessoa, do conflito entre necessidades e valores. É a consequência natural do seu processo evolutivo de crescimento. Neste sentido, a crise é muito saudável e muito bem-vinda, pois leva a pessoa a dar um salto qualitativo, exigindo que faça escolhas e opte por um caminho condizente com sua personalidade e identidade vocacional¹¹⁴.

128. Estabelecer um ideal vocacional, motivação dominante, em nosso caso, à Vida Religiosa Rogacionista, não significa estar imbuído de uma pureza de motivações, ou total ausência de contradições. O discernimento vem exatamente ao encontro da necessidade de se purificar e superar motivações conflitantes com o ideal vocacional, natural em todo processo de construção da identidade.

129. O tamanho da crise oferece exatamente a dimensão do crescimento a que se chegou. Quem nunca passou por crise, seja no âmbito vocacional ou existencial, não está ciente, ainda, do grau de importância de suas escolhas, nem da liberdade que lhe é imprescindível. É essencial que o vocacionado seja pedagogicamente confrontado acerca de suas necessidades, atitudes e valores, de modo que aos poucos vá abraçando, com realismo e confiança, os ideais presentes em seu projeto de vida.

¹¹³ Sacerdotes Operários Diocesanos. *Curso de discernimento vocacional*, p. 13.

¹¹⁴ Cf. Cencini. *A hora de Deus – A crise na Vida Cristã*, p. 86.

4. ANIMAÇÃO VOCACIONAL ROGACIONISTA

130. Por uma questão de identidade carismática, a animação vocacional Rogacionista têm duas missões bem específicas, de igual relevância e significado: uma *ad extra* (externa) e outra *ad intra* (interna) ao nosso Instituto¹¹⁵. Na missão *ad extra*, os Rogacionistas devem se fazer presentes em todos as equipes, organismos e organizações da Igreja, contribuindo com a reflexão e a ação vocacional, conscientizando a todos que a temática vocacional, por uma questão de princípio, é a própria vida da Igreja. “Sim, a dimensão vocacional é conatural e essencial à pastoral da Igreja”¹¹⁶. O histórico da animação vocacional, que vimos na primeira parte deste documento, evidenciou esse engajamento dos Rogacionistas com as vocações na Igreja.
131. Na missão *ad intra*, a animação vocacional Rogacionista não pode negligenciar a importância de se estabelecer um Plano Vocacional próprio em que define, minuciosamente, sua estratégia no acompanhamento dos vocacionados que desejam conhecer ou fazer uma experiência na Vida Religiosa Rogacionista. Tais estratégias de ação devem levar em conta as modalidades de execução, com planejamentos específicos

¹¹⁵ Cf. RI, n. 269.

¹¹⁶ PDV, n. 34.

para cada momento do itinerário vocacional: do despertar, acompanhar, cultivar e do discernir a vocação. Ao mesmo tempo deverá especificar as respectivas competências e responsabilidades, desde as estruturas de Governo e das obras, até as de cada comunidade e de cada religioso em particular. Um trabalho vocacional que envolve toda a comunidade Rogacionista: religiosos, formandos, colaboradores, Família do Rogate etc.

132. Nesta Quarta Parte, veremos mais especificamente essa animação vocacional ‘*ad intra*’, estabelecendo sua estrutura e alguns componentes, teóricos e práticos, do Plano Vocacional Rogacionista, que será completada na Quinta Parte, com as estratégias de atuação: Planejamento e Metodologia. A práxis é um momento importante da animação vocacional. Complementar à Primeira e a Segunda Parte deste documento, ela visa a estabelecer passos objetivos para que tudo o que foi pensado, planejado, discutido e rezado esteja voltado de fato aos destinatários da animação: os vocacionados.

4.1. Pilares do Serviço de Animação Vocacional Rogacionista

133. A Animação Vocacional Rogacionista deve estar centrada em quatro pilares principais: na espiritualidade do carisma do *Rogate* (mística); na inspiração do nosso *Fundador*, Santo Aníbal Maria Di Francia (profética); no estilo da *Vida Religiosa* Rogacionista (testemunhal); na inculturação do Rogate na realidade onde vivemos (missionária).

4.1.1. Carisma do Rogate

134. Nossa animação vocacional deve levar em sua práxis, a toda a Igreja, a novidade desse carisma particular. Carisma que brota do coração compassivo de Jesus que proclama o Rogate ao contemplar a messe sofrida e abandonada. Isto nos convida a:
- a) ver o mundo e viver no mundo com os olhos e com o estilo de Cristo pobre, obediente, casto e solidário com a multidão cansada e abandonada;
 - b) responder, mediante uma autêntica experiência de fé e de oração, às exigências do Cristo do Rogate que continua, hoje, a chamar e enviar operários(as) para a messe;
 - c) comunicar o Rogate, tornando a petição de Jesus inspiração a toda Igreja, em que todos os dons, carismas e ministérios são vistos como serviços ao bem maior que é a evangelização, despertando uma verdadeira cultura vocacional;
 - d) viver a mística do Rogate transmitindo a alegria do carisma na disponibilidade e entrega total ao serviço vocacional.

4.1.2. Santo Fundador

135. Inspirados em Santo Aníbal Maria, reconhecido pela Igreja como o precursor da “moderna Pastoral Vocacional”¹¹⁷, o animador vocacional Rogacionista é impulsionado, no dia a dia de seu trabalho, a:

¹¹⁷ Cf. *Insegnamenti*, XIII, 2 [1990] 830; ou *L’Osservatore Romano*, edição em português, 14/06/97.

- a) viver uma intensa vida de comunhão eucarística e fraterna, cume e fonte da resposta ao *Rogate* e do serviço vocacional;
- b) oferecer a própria vida e fazer todos os esforços para que o *Rogate* se torne uma oração universal, suplicando ao Senhor que nunca faltem os bons operários e operárias;
- c) solidarizar-se com os pobres, vivendo com eles e trabalhando para eles, motivo de nossa resposta e compromisso de vida;
- d) atrair outros operários e operárias, fazendo da Igreja uma comunidade de ‘chamados a chamar’, evidenciando sua diversidade de vocações, carismas e ministérios.

4.1.3. Vida Religiosa Rogacionista¹¹⁸

136. Essencialmente cristológica, pois nasce da compaixão pela messe abandonada, que faz Jesus proclamar o *Rogate* (Mt 9,38), a Vida Religiosa Rogacionista, na fidelidade criativa às suas origens, é convidada a:

- a) viver a consagração na entrega total de si ao carisma do *Rogate*;
- b) exprimir a consagração num estilo de vida sóbrio e feliz, transmitindo a alegria de seguir a Jesus;
- c) fazer de nossas comunidades religiosas um ambiente vocacional, cultivando e animando as vocações;

- d) inspirar outros, principalmente os vocacionados, pela beleza de nosso estilo de vida fraterna.

4.1.4. Inculturação do *Rogate*

137. Na Província São Lucas há uma diversidade cultural, envolvendo países e regiões, em que o serviço vocacional é desafiado a inserir-se, respeitando os elementos peculiares da experiência de fé e da cultura local¹¹⁹. Para isso:

- a) acolher as diferentes vocações respeitando suas raízes e identidades culturais próprias¹²⁰;
- b) inserir o *Rogate* na cultura local, antes de tudo como promoção da vida;
- c) realizar o trabalho vocacional numa perspectiva missionária;
- d) promover o serviço vocacional respeitando a diversidade de línguas, culturas e povos.

4.2. Responsáveis

138. Todo Rogacionista é um animador vocacional, independentemente das funções, cargos ou ministério que exerça, seja na Congregação especificamente, seja na Igreja de modo geral. Está em nossa identidade vocacional, do chamado recebido, o carisma de despertar, acompanhar, cultivar e ajudar, adolescentes e jovens, a discernirem o que o Senhor da messe

¹¹⁸ CNBB 110, n. 28.

¹¹⁹ Cf. RFI, n. 26 e 27.

¹²⁰ Cf. CNBB 110, n. 93.

espera de cada um deles. Porém, é importante especificar, no exercício de algumas funções e responsabilidades, as competências no serviço de animar as vocações.

4.2.1. O Superior Provincial

- a) administrar e governar a Província, em analogia às funções e responsabilidades do Superior Geral, “a fim de que a ação do apostolado rogacionista atinja sua mais ampla dimensão e eficácia”;¹²¹
- b) garantir certa estabilidade a quem trabalha no serviço da animação vocacional, animando as comunidades locais no trabalho em prol das vocações;
- c) concretizar, junto com o Conselheiro da área, as propostas vocacionais indicadas nos Capítulos Provinciais;
- d) estimular os animadores vocacionais a participarem de cursos de formação específicos na área vocacional.

4.2.2. Conselheiro Provincial

- a) articular o Serviço de Animação Vocacional em nossa Província, estabelecendo uma rede de contatos constituída pelos animadores locais;
- b) auxiliar cada animador vocacional na elaboração do planejamento vocacional local, prevendo os recursos humanos e econômicos;

- c) estimular os animadores vocacionais a participarem dos encontros de formação promovidos pelos organismos afins, da Igreja local, Conferência de Religiosos, IPV e Centro Rogate;
- d) criar momentos de formação extraordinária para os animadores vocacionais.

4.2.3. Superiores de Comunidade

- a) dinamizar e articular a Comunidade Religiosa na fidelidade ao Carisma¹²²;
- b) dispor estruturas e meios adequados para a realização do trabalho vocacional local;
- c) articular com a comunidade religiosa o trabalho vocacional nas diferentes atividades apostólicas locais;
- d) acompanhar periodicamente o trabalho do animador vocacional.

4.2.4. Comunidade Religiosa

- a) viver a Consagração na alegre comunhão, na fidelidade à Regra de Vida e no empenho apostólico¹²³;
- b) acolher de forma cordial os vocacionados, oferecendo ambiente e momentos próprios à reflexão e ao discernimento vocacional;

¹²² Cf. Diretrizes da Província São Lucas (ER 31), n. 95.

¹²³ PC, n.12.

¹²¹ C, n. 149.

- c) colaborar com o animador específico, em fraterna disponibilidade e mútua colaboração;
- d) testemunhar a alegria da Vida Religiosa Rogacionista e autorrealização na consagração.

4.2.5. Animador Vocacional Local

- a) ter disponibilidade de tempo e recursos para a realização do serviço de animação vocacional;
- b) estar em contínua formação, atualizando seus conteúdos, métodos e técnicas de Animação Vocacional¹²⁴;
- c) criar, anualmente, um calendário vocacional local, com a aprovação do Conselho de Casa, prevendo encontros e atividades vocacionais diversas;
- d) estar inserido nas atividades vocacionais locais: diocesana, regionais, CRB etc;
- e) manter contato permanente com o Conselheiro do Setor Formação, responsável pela articulação, na Província, do Serviço de Animação Vocacional;
- f) envolver membros da Família do Rogate para fazer parte SAV local.

4.2.6. Centro Rogate

- a) coordenar, na Província, em parceria com outros organismos da Igreja, a atualização e a formação dos animadores (as) vocacionais;

- b) incrementar a cultura vocacional na Igreja e na sociedade, através de encontros de formação na área vocacional;
- c) editar e divulgar a Revista Rogate e seus encartes como meio de propagação da cultura vocacional em toda a Igreja;
- d) organizar o Encontro Rogate promovendo, permanentemente, a atualização do conteúdo vocacional para os animadores(as) vocacionais;
- e) representar a Província, junto aos organismos da Igreja, acerca do Serviço de Animação Vocacional.

4.2.7. Formandos Rogacionistas

- a) oferecer, nas diversas etapas, momentos formativos específicos de animação vocacional, inserindo-os, permanentemente, na dinâmica do carisma;
- b) participar, em todas as etapas, do SAV local;
- c) promover nas comunidades de origem, com a colaboração do animador vocacional local ou do Formador, durante o período de férias ou visita às famílias, momentos vocacionais com adolescentes e jovens;
- d) conhecer profundamente a vida do Fundador e as origens do carisma Rogacionista;

4.2.8. Obras socioeducativas

- a) prever, no calendário anual, momentos específicos de reflexão e animação vocacional, contemplando todas as vocações;

¹²⁴ Cf. VC, n. 66.

- b) inserir na proposta pedagógica a temática vocacional como momentos formativos aos educandos e assistidos;
- c) testemunhar o valor da caridade como opção vocacional à vida;
- d) valorizar a espiritualidade Rogacionista como momento de integração entre projeto vocacional e existencial;
- e) criar e formar grupos de adolescentes e jovens, favorecendo o aspecto vocacional;

4.2.9. Paróquias e Santuários¹²⁵

- a) dar atenção especial ao trabalho vocacional, priorizando o SAV local, colaborando e incentivando suas atividades;
- b) zelar para que os párocos e vigários tenham formação na área vocacional, difundindo a cultura vocacional em todas as pastorais da paróquia;
- c) formar e orientar os catequistas e os coordenadores das pastorais afins: Pastoral Familiar¹²⁶, Pastoral da Juventude¹²⁷, Grupos de oração, Movimento de Coroinhas e Acólitos, Liturgia etc., na área vocacional;
- d) incentivar a formação do grupo de jovens e de adolescentes envolvendo-os na temática e na espiritualidade vocacional;
- e) criar e abrir espaço ao animador local para o trabalho vocacional;

- f) promover e articular todos os segmentos da Família do Rogate;

4.2.10. SAV local

- a) formar uma equipe de Serviço de Animação Vocacional envolvendo o maior número de vocações e ministérios;
- b) criar um calendário anual contendo: formação, encontros vocacionais, atividades, retiros, reuniões etc.;
- c) planejar a ação vocacional na Paróquia/Santuário, obra socioeducativa, conscientizando as comunidades e cada cristão da importância do serviço vocacional;
- d) construir 'cultura vocacional' formando comunidades de 'chamados a chamar';
- e) estimular os membros da equipe a participarem dos encontros de formação e atualização na área vocacional;
- f) criar momentos de formação extraordinária para os membros da equipe;
- g) organizar encontros ou eventos com temáticas vocacionais para adolescentes e jovens;
- h) integrar o SAV à pastoral da Juventude, da Catequese, dos Coroinhas e Acólitos com uma proposta de reflexão e de discernimento vocacional;
- i) dinamizar em todas as comunidades, a cada ano, o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, como momento de reflexão e oração de toda a Igreja pelas vocações;

¹²⁵ Cf. CNBB 110, n. 87.

¹²⁶ Cf. Idem, n. 88c.

¹²⁷ Cf. Ibidem, n. 88d.

- j) refletir e rezar no mês de agosto, nas comunidades, a diversidade de dons e ministérios na Igreja;
- k) realizar encontros vocacionais dedicados exclusivamente aos que desejam seguir a Vida Religiosa Consagrada;
- l) apoiar as casas formativas presentes na Paróquia, estimulando e animando os(as) formandos(as) a perseverarem em sua vocação;
- m) criar um Regimento Interno do SAV local, especificando objetivos, atribuições, composição e coordenação¹²⁸.

4.3. Conteúdo Metodologia

139. Algumas concepções, teológicas e existenciais orientam o Serviço de Animação Vocacional Rogacionista. Ideias que constituem a base de nossa práxis vocacional.

4.3.1. As três dimensões do Chamado

140. O trabalho vocacional Rogacionista, concomitante à sua organização interna, na especificação de suas responsabilidades e atribuições, apoia-se numa certa concepção de 'cultura vocacional' que envolve: a mentalização, a sensibilização, e a efetivação de determinada práxis vocacional¹²⁹. Tal concepção de 'cultura' apoia-se numa visão global da vocação, que tem sua origem na concepção da vida, até seu ocaso, a ressurrei-

ção. É a partir desta perspectiva horizontal e universal que realizamos nosso pensar e nossa ação vocacional.

141. Concebemos, assim, o "Chamado", teológico e existencial, a partir de três momentos particulares: Chamados a ser: nascemos do desejo de Deus; Chamados a fazer-se: a liberdade como constituinte de nossa identidade; Chamados à Plenitude: a Ressurreição como resposta à nossa sensação de incompletude. Vejamos como essa perspectiva ajuda a iluminar nossos trabalhos, em que o ser humano é tomado numa totalidade vocacional envolvendo toda a vida.

4.3.2. Chamados à Vida ou a Ser¹³⁰

142. Uma concepção de cultura vocacional, pano de fundo do trabalho Rogacionista, envolve as origens da vida. Discernir o chamado que Deus faz a cada um de nós exige que o exercício da escuta seja compreendido desde o nosso primeiro suspiro (Gn 2,7). A vida que recebemos, em sentido teológico, não pode ser vista, de modo reducionista, apenas como um acaso da natureza, como pode interpretar a ciência, mas compreendida como vontade divina, um querer de Deus.

143. Por outro lado, sabemos o quão distante estamos de poder compreender nossa real condição e o significado que nossa existência, como dom e graça, pode realmente assumir. Há um mistério inerente à vida que permanece impenetrável ao nosso entendimento. Discernir a vocação significa, progressivamente, adentrar neste mistério.

¹²⁸ Cf. Anexo II.

¹²⁹ Cf. Cencini. *Construir Cultura Vocacional*.

¹³⁰ Cf. ChV, n. 256.

144. Abrir-se ao chamado de Deus requer uma radical postura de humildade e confiança (Lc 1,38), é colocar-se nas mãos de Deus, e dizer ao Criador que seja feita sua vontade (Mt 6,10). Mas, também, é ter a percepção de que se está crescendo em sabedoria, tamanho e graça (Lc 2,52), numa confiança total no Criador. Desta origem criacional surge nossa responsabilidade pelo próprio dom da vida recebido.

4.3.3. Chamados à Disponibilidade ou a Fazer-se

145. Na concepção de animação vocacional Rogacionista, a vocação possui uma segunda dimensão, conseqüente à nossa origem divina: Chamados a fazer-se. A liberdade ou o livre arbítrio fundamentam nossa condição de estar no mundo e de responder ao chamado¹³¹. Fazer-se envolve tanto o previsível quanto o imprevisível da vida. É o esforço daquele que crê, em buscar sentido mesmo diante do que é mais catastrófico e absurdo. Ser capaz de se reconstruir, ou de se autotranscender sempre que necessário, colocando-se em disponibilidade total.

146. Nesta dimensão, o chamado já exige outra postura educativa do vocacionado. Responde-se a este chamado pelo modo como se ouve, vê, toca, saboreia as coisas e a própria vida. Ela opera sobre nossa liberdade, sobre nossas virtudes e limitações. Discernir o chamado é saber escolher caminhos, ciente, tanto quanto possível, de sua extensão e a real energia necessária à travessia. É a descoberta de uma força e um

potencial que nos colocam sempre em marcha, aprendendo em cada situação da vida¹³².

147. Nesta condição, demasiada humana, por isso vocacional, procura-se calibrar nossa capacidade, dons e talentos pessoais, em um projeto de vida que se põe à disposição do Mistério, ou o que diz o mesmo, numa 'hospitalidade' permanente do chamado. "Para realizar a própria vocação, é necessário se desenvolver, fazer germinar e crescer tudo o que a pessoa é" ¹³³. Consolida-se na maturidade da vida, canalizando toda nossa força e toda nossa inteligência, numa disponibilidade que deseja ser total, "ser para os outros"¹³⁴.

148. Existencialmente, é nesta fase da vida que se tomam as grandes decisões, que se traça o caminho para o início da jornada, onde se procura imprimir no mundo, pelo trabalho, as digitais da própria identidade: fazer-se. Implica, no fundo, em nos realizar tanto naquilo que somos, quanto naquilo que não somos. É necessário estarmos conscientes de que a plenitude, embora desejada, é um anseio que ultrapassa nossa condição. Ela se completará, somente, com nossa Páscoa.

4.3.4. Chamados à Ressurreição ou à Plenitude

149. O trabalho vocacional Rogacionista vai além. Nesta terceira dimensão do chamado, momento da síntese, estabelece-se um olhar retrospectivo sobre a vida, e com gratidão, mesmo diante

¹³² Cf. Cencini. *A Hora de Deus*, p. 230.

¹³³ ChV, n. 257.

¹³⁴ ChV, n. 258.

¹³¹ Cf. PDV, n. 44.

de toda imperfeição se agradece o caminho percorrido (2 Tim 4,7). A Páscoa é uma dimensão inerente à vida daquele que crê, “possui um coração inquieto enquanto não repousa no Senhor”¹³⁵. Inegavelmente, há um descompasso nem sempre fácil de ser assimilado, entre a vida como contingência temporal das coisas (finitude), e a vida como Redenção (infinidade). É uma equação existencial em que o denominador comum só pode ser dado pela fé e confiança naquele que chama.

150. Contrariamente ao que diz certa filosofia, somos mais do que seres para a morte. Pela fé, somos seres para a Ressurreição. Unificar estas três dimensões é um processo árduo e exigente, mas indispensável à integração de todo o ser à vocação a que fomos chamados. O trabalho vocacional Rogacionista deve ser realizado na perspectiva da integração destas três dimensões do chamado.

4.4. Momentos do itinerário vocacional¹³⁶

151. Nessa visão teológica e existencial do chamado, como vimos acima, apoia-se a elaboração do itinerário vocacional, que envolve o aspecto metodológico do acompanhamento¹³⁷, em que a ação vocacional/educativa é focada a partir de quatro momentos sucessivos: despertar, acompanhar, cultivar e discernir a vocação, distinção didática que ajuda a orientar a ação

¹³⁵ PDV, n. 45.

¹³⁶ Cf. CNBB 110, n.78.

¹³⁷ A dimensão metodológica é importante para se estabelecer alguns conceitos e passos práticos que ajudam a compreender e a guiar, para determinados objetivos, o acompanhamento vocacional.

vocacional a partir de estratégias específicas para cada um destes momentos. Tais momentos constituem, pedagogicamente, o tempo em que os vocacionados necessitam para refletir/discernir qual projeto de vida desejaram construir, elaborando o Projeto Pessoal de Vida (PPV). Vejamos brevemente estes quatro momentos:

4.4.1. “Despertar”¹³⁸

152. Estamos no âmbito do discernimento/conhecimento e não da resposta/decisão, que seria a etapa final no itinerário vocacional. Por isso é tempo de tirar as dúvidas, de interrogar-se dentre os vários caminhos possíveis, para qual vocação o Senhor chama a realizar um projeto de vida específico? Sabemos que o animador vocacional Rogacionista tem um papel fundamental neste percurso, ele é a mediação entre um convite e a realização de um desejo, ou seja, ele assume a responsabilidade de discernir e mediar o chamado de Deus e a resposta do vocacionado. É importante, tanto para o animador vocacional como para o vocacionado, saber lidar com as dúvidas, as angústias e as incertezas que surgirem, pois é vivenciando e passando por elas que futuramente será tomada uma decisão mais madura e segura sobre a vocação que se deseja seguir. É o tempo da espera e da paciência, controlando toda ansiedade. Associamos o despertar ao provocar, pois se exige nessa fase do itinerário uma atitude menos passiva e mais interativa entre o animador e o próprio vocacionado, como condição de crescimento e tomada de decisão, em que

¹³⁸ Cf. CNBB 110, n.78a.

se chama o vocacionado a ser, dede já, protagonista de sua vocação¹³⁹.

153. É fundamental para este primeiro momento do itinerário vocacional estabelecer uma relação de confiança entre o animador vocacional e o vocacionado. Não se estabelece uma relação construtiva e pedagógica sem uma relação formativa/educativa, essencial para se aprofundar o chamado do Senhor. Isso ajuda o vocacionado a pôr-se livremente num caminho que fará emergir e perceber, a partir do percurso feito, o dom da vocação em sua vida.

4.4.2. “Acompanhar”¹⁴⁰

154. Despertado para um caminho vocacional específico, inicia-se o acompanhamento. Sentindo-se tocado, provocado a refletir sobre seu projeto de vida, ou sobre um projeto de vida possível, o jovem inicia uma caminhada para, primeiramente, identificar quais as motivações pessoais que o fazem se identificar com este ou aquele projeto de vida. Tal identificação não é algo repentino, mas decorre de uma reflexão que deverá lhe acompanhar por um longo tempo. Não obstante, deverá se iniciar já nesta fase do itinerário vocacional, contando, dentro das várias mediações possíveis, com a presença e a ajuda do animador vocacional¹⁴¹.

155. Num processo natural de crescimento e amadurecimento do vocacionado surgem às primeiras dúvidas ou inquietações acerca do caminho que se deseja seguir, ou em qual vocação poderá se sentir mais realizado enquanto pessoa. Para esta ordem de questões faz-se necessário o acompanhamento e discernimentos das motivações pessoais. É importante salientar que o animador vocacional não detém exclusividade nessa mediação; a família, os amigos, a Igreja, e outras tantas mediações podem e devem ajudar, mas o animador possui essa responsabilidade especial pela própria natureza do seu trabalho. Como no momento anterior, não se pode acompanhar quem não está presente ou não se faz próximo daquele que está em processo de discernimento.

156. Acompanhar é confiar. Por isso não é simples nem fácil iniciar um caminho de discernimento. Exige a identificação de um ponto de partida, de uma rota, e, se possível, vislumbrar um ponto de chegada. Acompanhar é ter a confiança de alguém, mas também, confiar em alguém. Não há relação de confiança sem reciprocidade, caso contrário, não há abertura do coração, indispensável ao diálogo, condição para compreender e discernir. Com os discípulos de Jesus não foi diferente¹⁴². O acompanhamento vocacional exige a empatia do animador vocacional para com aquele de quem se aproxima. Aproximar-se é superar os medos e as inseguranças, é poder contar com a presença de alguém que ajudará na interpretação daquilo que se está sentindo e vivenciando, como meio e condição de

¹³⁹ Cf. RFI, n. 130.

¹⁴⁰ Cf. CNBB 110, n.78d.

¹⁴¹ Cf. PDV. n. 38.

¹⁴² Cf. Idem.

encontrar as respostas a tais inquietações. Aos poucos vai-se consolidando o caminho vocacional.

4.4.3. Cultivar

157. Naturalmente, o lugar mais propício para nascer e crescer uma vocação é a família. Não é exclusivo, mas é o mais indicativo¹⁴³. Ali o jovem, pela educação e testemunho que recebeu dos seus familiares, mesmo diante de todas as dificuldades e crises pelas quais passam as famílias, pode desenvolver uma sensibilidade mais propícia à acolhida do mistério de Deus, e com isso, mais propícia também a construir um projeto de vida que caminhe na direção desse mistério. O animador vocacional Rogacionista deve conhecer bem as famílias dos vocacionados. Tal proximidade gera relação de confiança.
158. O animador vocacional tem a responsabilidade de cultivar os valores e os sinais vocacionais que os vocacionados trazem dentro de si. Isso requer tempo, exige uma verdadeira pedagogia da presença. Por isso que cultivo se identifica muito com a palavra cuidado. Acompanhamento vocacional é o cuidado da vocação que está no interior de cada vocacionado que se dispõe a fazer um caminho. Como acreditamos, a vocação é dom de Deus, e o animador vocacional tem a missão de cuidar e cultivar este dom.

4.4.4. “Discernir”¹⁴⁴

159. Este momento do itinerário vocacional interage com os anteriores. Ele não é só da ordem do refletir e do pensar, mas do sentir e compartilhar. O discernir se estabelece mais na fase final do período de acompanhamento vocacional, pois o jovem é motivado a refletir e dar respostas às suas inquietações ao iniciar a construção de seu projeto de vida. Até bem pouco tempo atrás, esses quatro momentos do itinerário vocacional consolidavam-se na passagem da adolescência à juventude. Hoje, com o prolongamento das decisões relativas à vida vocacional, não é mais incomum refletir tais ordens de questões já na vida adulta. Independentemente da idade, o processo é o mesmo, e essas etapas não perdem sua importância. Aliás, para quanto mais tarde se prolongarem tais decisões, mais intensivo deve ser esse processo, e o discernir, ganha mais relevância ainda.
160. Não haverá discernimento vocacional se, durante este processo, não se confrontar as reais motivações daqueles que estão discernindo sua vocação. Utilizamos a palavra confrontar no sentido mais positivo do termo, como fazer emergir ou tomar consciência¹⁴⁵. Confrontar-se-ão tanto as virtudes do vocacionado, dando-lhe segurança diante de suas motivações, fazendo percebê-las que são autênticas, quanto as suas inconsistências, no sentido de que deverá superar certas limitações ou fragilidades para se vivenciar certo projeto de vida, com

¹⁴⁴ Cf. Cencini. *Construir Cultura Vocacional*, p. 78.

¹⁴⁵ Cf. PDV, n. 44.

¹⁴³ Cf. RFI, n. 148.

o objetivo de alcançar a realização plena da pessoa. Não há dúvida de que para discernir dever-se-á partir sempre da realidade de cada um. A história e as motivações dos vocacionados são irrepetíveis. O discernimento acontece dentro de cada vida singular, “Cada vocacionado tem a sua especificidade, que deve ser respeitada”¹⁴⁶. O animador vocacional conhecendo e acolhendo cada história pessoal, contribui para que a semente plantada no coração do vocacionado possa, a seu tempo, fecundar e produzir os seus frutos.

4.5. Meios para o discernimento Vocacional

161. O animador vocacional Rogacionista deve proporcionar aos vocacionados algumas situações favoráveis ao discernimento, em que a partir de tais situações ele sinta cada vez mais, dentro de si, o convite que Jesus lhe faz ao seu seguimento. Tais meios visam a consolidar o itinerário vocacional descrito acima. Vejamos algumas situações indispensáveis ao discernimento.

a) Oração

162. Existe uma estreita relação entre oração e discernimento. Está na própria identidade da vida cristã a proximidade e intimidade com Deus pela prática da oração. O vocacionado deve ser levado a descobrir e aprofundar este vínculo, percebendo os sinais Deus em sua vida. A inspiração do carisma Rogate nasce mesmo de um dos vários momentos de intimidade de

¹⁴⁶ CNBB 110, n. 93.

nosso Fundador com Deus. É importante, como critério de discernimento, que o vocacionado não só sinta a necessidade, mas que goste e estabeleça momentos orantes, pessoais e comunitariamente.

b) A Palavra de Deus

163. Deus nos fala também pelas Sagradas Escrituras. O exercício orante, ou a *Lectio Divina*, é, prioritariamente, o exercício de escuta da Palavra. Trata-se de dar lugar central àquilo que Deus quer nos comunicar. O contato com os textos bíblicos vocacionais, do Antigo e Novo Testamento, é essencial para se perceber o chamado vocacional e sua identificação ao estilo de vida de Jesus.

c) A Liturgia

164. A liturgia é o lugar privilegiado, não só de escuta e partilha da Palavra, mas também de vivência da fé, celebrando o Mistério da Paixão de Cristo, fonte de todas as vocações. Por meio da ação litúrgica, Jesus nos comunica sua mensagem e nos motiva, permanentemente, ao seu seguimento. Na liturgia fazemos memória de várias pessoas, santos e santas, que deram seu testemunho vocacional de fidelidade a Jesus, motivando-nos ao mesmo exemplo.

d) A comunidade

165. A atitude de discernimento dá um valor sagrado à participação da comunidade, guardiã do tesouro de todas as vocações¹⁴⁷. A

¹⁴⁷ Francisco. *Discurso à Plenária da Congregação para o Clero*, 3 de outubro de

vocação, mais do que a busca da autorrealização, é o anseio de se colocar a serviço, seguindo o mesmo exemplo de Jesus, que se fez servo de todos (Jo 13,14). O vocacionado deve ter em sua comunidade de origem o lugar especial para realizar seu discernimento. Não existe vocação sem uma comunidade de referência, de inspiração e motivação para servir. Na comunidade estão as verdadeiras experiências de fé, de fraternidade e de comunhão. Principalmente por meio da comunidade, em suas várias realidades e situações, Deus realiza seu convite para chamar mais operários para a messe.

e) **A convivência**

166. Sentindo-se chamado, o vocacionado inicia uma experiência de encontros de convivência vocacional. É importante desenvolver nele a aptidão e o gosto de viver juntos em comunidade, e a fazer experiência de comunhão. Isso significa conviver com o diferente, compartilhando do tempo, do lazer, dos espaços, da espiritualidade, das refeições, percebendo, por meio desses momentos, que Deus lhe deseja comunicar algo especial para sua vida.

f) **Exercícios vocacionais Rogacionistas**

167. Os animadores Rogacionistas têm à disposição uma série de exercícios vocacionais, para as diferentes fases do discernimento e para diferentes faixas etárias, que ajudará os vocacionados a refletirem e a discernirem a vocação a que se sentem chamados. Além do mais, ajudará a perceber como os voca-

cionados veem a si mesmos, a Igreja, a Congregação etc., servindo como ponto de apoio à orientação e à sua formação.

4.6. **Relação de ajuda do Animador Vocacional ao Vocacionado**

168. Em sua missão de acompanhar os vocacionados, a partir dos quatro passos do itinerário vocacional, o animador Rogacionista se reveste de algumas atitudes e compromissos, característicos de nossa identidade carismática, que o acompanharão em seu serviço de orientação vocacional. Vejamos os principais:

- a) Transparecer no acompanhamento vocacional que o animador possui profunda experiência de fé, e que sentindo-se realizado em sua vocação, deseja ajudar o vocacionado a realizar-se, discernindo também a sua vocação;
- b) Realizar o acompanhamento vocacional numa proximidade que gere uma relação de confiança, em que o vocacionado se sinta seguro de compartilhar seu projeto de vida;
- c) Comunicar-se de modo claro e objetivo com o vocacionado, evitando toda forma de ambiguidade ou má interpretação;
- d) Manter sempre uma atitude positiva durante o acompanhamento: atenção, afeição, interesse e respeito;
- e) Transmitir segurança interior quanto a dúvidas e incertezas do vocacionado em seu percurso formativo. A experiência e a maturidade do animador, de alguém que já discerniu bem

seu projeto de vida, é fundamental no processo de ajuda e de discernimento;

- f) Saber ouvir o que o vocacionado tem a partilhar de sua vida. Deixá-lo livre para expressar seus sentimentos e dúvidas mais profundas;
- g) Saber acolher a vida do vocacionado, principalmente em suas feridas e experiências negativas, apontando a ele caminhos de integração e superação;
- h) Ser sensível às questões que o vocacionado considera importantes à sua vida, de modo a poder, com o tempo, construir uma relação de confiança e ajuda;
- i) Ver no vocacionado alguém que está em busca de respostas, que está em processo de amadurecimento e de discernimento do que deseja para sua vida. A paciência e a compreensão são fundamentais para um processo harmonioso e integrador;
- j) Demonstrar ao vocacionado que o animador ama o que faz, que se sente feliz e realizado em sua vida e vocação. Seu testemunho contagia e o anima. Seu ser, palavras e gestos, 'de per si', ajudam no discernimento do vocacionado.

4.7. Orientações para acompanhar e acolher vocações adultas e candidatos egressos de outros seminários¹⁴⁸

- 169. O Serviço de Animação Vocacional Rogacionista (SAV-ROG), em sua estratégia de ação, deve **priorizar** os adolescentes e os jovens, os quais devem ter nossa atenção e cuidado durante todo o processo de acompanhamento e discernimento vocacional. Porém, não podemos desconsiderar que o despertar vocacional, por motivações diversas, e que devem ser minuciosamente averiguadas, pode se dar em diferentes fases da vida, da adolescência à vida adulta.
- 170. A Congregação para o Clero, através da *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis – o Dom da vocação sacerdotal*, apresentou algumas orientações no acompanhamento de vocações adultas¹⁴⁹. A CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), seguindo os mesmos princípios, manifestou, de forma geral, principalmente através das Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil (110), alguns critérios elementares que devem compor a formação dos presbíteros no Brasil, dentre eles, algumas orientações para os **egressos de outros Seminários**¹⁵⁰. Esse documento já segue algumas orientações dadas pela Igreja, principalmente pela Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, n. 64. A Congregação Rogacionista, pela *Ratio Institutionis*, n.267 a 338, também estabele-

¹⁴⁸ Cf. Diretrizes para a Formação Inicial, ER39, Anexo 02.

¹⁴⁹ Cf. RFI, n. 24.

¹⁵⁰ Cf. CNBB 110, n. 93 e 94.

lece algumas orientações gerais para egressos que desejam ingressar em nosso Instituto.

171. Apresentamos uma **síntese** de tais documentos, que deve ser levada em conta durante o processo de acompanhamento vocacional, procurando, assim, adequar-nos à realidade e aos desafios atuais do Serviço de Animação Vocacional.¹⁵¹

4.7.1. Vocações adultas

172. Vale ressaltar que **vocação adulta** se refere a quem tem 25 anos de idade ou mais, independentemente de sua formação ou qualificação profissional. **Egresso** é todo vocacionado que foi acompanhado por um tempo determinado e que formalmente foi aceito para ingressar numa diocese ou instituto religioso, e que, por motivos específicos, deixou a comunidade formativa.

173. A idade máxima sugerida para os candidatos ao acompanhamento vocacional é de **35 anos**.

174. O acompanhamento do vocacionado no seu processo de discernimento deve ser **personalizado**, para se averiguar as motivações vocacionais, confirmar o chamado que o Senhor

¹⁵¹ Tomamos por referência, também, o “*Protocolo para la admisión de candidatos provenientes de otros seminários*”, do Departamento de *Ministerios Ordenados y Vida Consagrada* da Conferência Episcopal da Colômbia, que, de modo geral, atende nossa realidade vocacional.

da Messe lhe faz e verificar sua idoneidade em todas as dimensões da formação.

- a) O acompanhamento deve ser de, ao menos, **doze meses**;
- b) Os encontros pessoais devem ter uma regularidade **mensal**,¹⁵²
- c) Averiguar de que forma se estabelece sua relação com a família, com a comunidade de origem, e sua atual participação na Igreja;
- d) O Animador Vocacional deve **averiguar** a história pessoal e profissional do candidato e as motivações que o levaram a entrar em contato com a Congregação;
- e) É fundamental que o **Conselho de Casa** participe do processo de acompanhamento vocacional do candidato;
- f) No final do processo, o Animador Vocacional que acompanhou o candidato deve apresentar um **relatório** escrito ao Conselho de Casa, pelo qual apresenta o candidato em todas as suas dimensões e confirme, se for o caso, as informações que foram apresentadas pelo seminário anterior;
- g) Para os casos de vocacionados residentes em locais distantes de nossas realidades, o acompanhamento deve ser bem **planejado**, salvaguardando o conhecimento recíproco entre Animador Vocacional/Conselho de Casa e vocacionado, estabelecendo um **programa** de visitas e convivência.

¹⁵² Nos encontros mensais deve-se seguir uma regularidade temática. Orienta-se seguir as dimensões da formação.

4.7.2. Acompanhamento de egressos¹⁵³

175. Caso o vocacionado seja **egresso**, além das averiguações descritas acima, o Animador Vocacional que receber o pedido de adesão deve, formalmente, e sob a devida confidencialidade, solicitar ao formador do seminário egresso um relatório completo da pessoa nas diferentes dimensões ao longo do tempo em que permaneceu na casa de formação.
- a) Se a pessoa esteve em dois seminários, deve ser solicitado a ambos o respectivo relatório;
 - b) Se o candidato passou por três ou mais seminários aconselha-se, imediatamente, a não se aceitar o pedido de acompanhamento vocacional devido à evidente inconstância;
 - c) Se o candidato foi demitido uma vez de nosso Instituto, em qualquer etapa formativa, orienta-se a não se aceitar o pedido de reingresso no futuro;
 - d) Caso o candidato, mesmo que por razão justificada, tenha já saído duas vezes de nosso Instituto, e, pela terceira vez, pede reingresso, orienta-se a não aceitar o pedido pela inconstância vocacional¹⁵⁴;
 - e) Por nenhuma razão o Animador Vocacional, ao receber um relatório confidencial de outro seminário, pode revelá-lo ao candidato. Este relatório só deve ser utilizado para adquirir

¹⁵³ Cf. RFI, n. 198.

¹⁵⁴ Quando o formando pede sua saída do Instituto pela segunda vez, deve-se orientá-lo acerca da impossibilidade, no futuro, de seu retorno à Congregação.

critérios de discernimento na tomada de uma decisão sobre quem faz o pedido de acompanhamento vocacional;

- f) Se algum relatório manifestar que a pessoa foi considerada inadequada à Vida Religiosa, orienta-se a rejeitar o pedido de imediato, sem dar esperança a um ingresso futuro.
176. Caso os vocacionados forem aprovados ao ingresso em nosso Instituto e já tiverem os **cursos** de Filosofia e/ou Teologia completos, deve-se verificar a validade acadêmica dos referidos cursos. Se estiverem incompletos, deve-se fazer a transferência para as instituições de ensino onde os nossos formandos estudam.

4.8. Para se ingressar na Congregação¹⁵⁵

177. Em continuidade ao que vimos acima, alguns critérios indispensáveis para que o vocacionado possa ingressar na Congregação¹⁵⁶. O Animador Vocacional Rogacionista, responsável pelo ingresso do candidato ao Instituto, deve usar todos os recursos pedagógicos e psicológicos que tem à sua disposição. O vocacionado, para ser admitido ao Instituto, deverá ter:
- a) *reta intenção*: reais motivos pelos quais ele deseja ser religioso ou presbítero Rogacionista;

¹⁵⁵ Cf. DFI. *Orientações para o ingresso ao Instituto e passagem às etapas da Formação Inicial* (Anexo 01), p. 82.

¹⁵⁶ Cf. N, art. 274.

- b) *aptidão moral*: sociabilidade, sinceridade e bom caráter (virtudes humanas); piedade, humildade, caridade e castidade (virtudes religiosas);
- c) *aptidão intelectual*: gosto pelos estudos, senso de abstração, desejo pela Verdade, abertura às novidades condizentes com a fé, compreensão da realidade;
- d) *aptidão física e desimpedimento canônico*: o Código de Direito Canônico traz uma série de impedimentos ou irregularidades que não permitem que a pessoa possa ser religiosa ou sacerdote.¹⁵⁷

4.9. Modalidades de acompanhamento

178. Realizar o acompanhamento vocacional não é uma tarefa fácil, nem simples. Requer tempo e dedicação. Por vezes, a perseverança do vocacionado dependerá da qualidade deste acompanhamento. Estabelecemos assim, orientativamente, algumas modalidades.

- a) **Proximidade**: Quando o vocacionado reside a certa proximidade geográfica do animador. Nessa situação é fundamental as visitas ao vocacionado, à sua família, à comuni-

¹⁵⁷ Cf. *Cânones* 641-645 (sobre a admissão ao Noviciado) e *Cânones* 1040-1049 (sobre a admissão ao Presbiterato). Aqui, nessa etapa de ingresso ao Instituto, interessa apenas saber dos impedimentos que, desde já, impossibilitariam qualquer progresso: tentativa de suicídio, quem cometeu homicídio, matrimônio ou vínculo sagrado com outro instituto (por isso a exigência de um certificado de estado livre). Deve-se observar, para o caso de egressos, o Decreto Legislativo nº 01/97, de 08 de dezembro de 1997, sobre a *Admissão de Egressos ao Seminário*.

dade e, ao mesmo tempo, haver momentos de convivência do vocacionado na comunidade religiosa do animador vocacional. O ideal e prático é realizar o serviço vocacional nas proximidades de nossas comunidades religiosas.

- b) **À distância**: É possível fazer um acompanhamento vocacional quando o vocacionado reside à distância da comunidade religiosa do animador. Porém, deve-se tomar vários cuidados. Quando possível, fazer uma visita à família e à comunidade de origem. Somente depois dessa visita, é que se recomenda a visita e a convivência do vocacionado na comunidade religiosa. Neste caso, o acompanhamento virtual é um facilitador apenas, não substitui o contato direto e as visitas. Caso o vocacionado resida em lugares muito distantes ou remotos, recomenda-se que ele procure uma Congregação ou Diocese mais próximos, facilitando esse acompanhamento, sem desestimulá-lo do chamado vocacional que sente dentro de si.

- c) **Mídias Sociais**: Devem ser otimizadas essas ferramentas de acompanhamento, com todos os meios possíveis. Contudo, elas são um dinamizador apenas: servem como meio de propagação do carisma, de acompanhamento vocacional. Elas não substituem o contato e a proximidade entre animador e vocacionado.

4.10. Orientações Gerais

- 179. Para ingressar na Congregação dos Rogacionistas o candidato deverá ter a idade mínima de 16 anos e o Ensino Fundamental completo. No caso de ingresso, o Seminário deve-

rá estabelecer um calendário periódico de visita à família¹⁵⁸. As comunidades Rogacionistas que não possuem Seminário Menor ou condições de oferecer uma estrutura formativa de Seminário Menor, poderão estabelecer modalidades intermitentes de acompanhamento vocacional, em que fazem-se os estudos de ensino fundamental junto à família e momentos de convivência e formação no Seminário, até seu ingresso à etapa do Propedêutico. O importante é estabelecer um ritmo de acompanhamento e de formação dos vocacionados, ajudando-os no discernimento e aprofundamento da vocação¹⁵⁹.

180. Para quem já concluiu o Ensino Médio, a etapa prevista para o ingresso seria o Propedêutico. Neste caso, por se tratar de vocacionado sem experiência de Seminário Menor, vale o previsto acima: deverá ter ao menos 6 meses de acompanhamento, com no mínimo 3 meses de convivência na comunidade Rogacionista¹⁶⁰. O vocacionado deverá escrever uma carta, dirigida ao Superior da Comunidade local, solicitando o ingresso na Congregação. Na carta deve manifestar a *reta intenção* e o fato de estar fazendo a solicitação por *livre vontade*. Se o candidato tiver menos de 18 anos, os pais deverão assinar a carta do filho, ou com o filho, demonstrando estar cientes de sua opção. Deve-se solicitar, igualmente, uma carta do pároco onde o vocacionado reside, apresentando suas boas referências.

¹⁵⁸ As Diretrizes para a Formação Inicial preveem: 6 a 12 meses de acompanhamento vocacional, aos que já concluíram o Ensino Fundamental, e/ou de 6 meses a 3 anos Aspirantado: Seminário Menor ou Comunidade de Convivência. Cf, n. 07.

¹⁵⁹ Cf. DFI, n. 09.

¹⁶⁰ Tal situação poderá ser melhor determinada pela equipe formativa ou pelo Conselho de Casa, acolhendo cada realidade vocacional/formativa específica.

181. Em consonância com os momentos do itinerário vocacional, o “discernir” não termina com o ingresso ao Instituto, mas continua durante todo o processo formativo, a exemplo do próprio acompanhamento vocacional. Os formadores devem estar atentos, pois continuarão, ainda, a fazer este trabalho de animação vocacional com os seus formandos.

182. Casos não previstos neste Plano Vocacional Rogacionista devem ser encaminhados ao Superior Provincial, que estudará a situação junto ao seu Conselho.

5. PLANEJAMENTO E METODOLOGIA

183. A consolidação de uma Cultura Vocacional requer que tudo o que foi visto, refletido, rezado, partilhado se consolide em uma práxis vocacional pessoal e comunitária. Pessoal, porque é necessário interiorizar os valores vocacionais, num serviço que se estrutura a partir de uma pedagogia: da presença, do testemunho e do encontro (ou da empatia). Comunitária, porque é necessário sensibilizar e envolver a todos. Se cada pessoa, pelo dom da vida que recebeu, é vocacionada, a cultura vocacional requer que construamos comunidades de ‘chamados a chamar’, numa Igreja toda ela vocacional e ministerial.
184. O ‘Planejamento’ visa, desta forma, a estruturar em projetos o que foi visto e refletido nas quatro partes anteriores, numa passagem nem sempre fácil de se fazer: da reflexão à ação, da teoria à prática, da ‘cultura’ a uma nova ‘postura’ vocacional. Somos sempre mais Rogacionistas quando, naturalmente, de nosso ser, brota uma clara identidade vocacional: que atentamente escuta, que livremente responde e que espontaneamente chama. Um planejamento que primeiro se estrutura em nós, interiormente, e que apenas depois assume as formas de um trabalho organizado e planejado, indo ao encontro do outro, causa de nosso carisma e nossa causa: os vocacionados.

5.1. Etapas para se organizar o SAV

5.1.1. Princípios Básicos

- a) Trabalho prévio de conscientização e motivação na comunidade.
- b) Escolha dos membros da equipe vocacional (*o ideal é ter pessoas de diferentes de idades*).
- c) Organização interna (*coordenador, vice, secretário, tesoureiro – Cf. Anexo IV*).

5.1.2. Planejamento

- a) Análise da realidade: *perguntas, obstáculos e necessidades do serviço vocacional*.
- b) Escolha das prioridades.
- c) Definição das metas.
- d) Elaboração dos programas e projetos.
- e) Recursos Humanos, Técnicos e Financeiros.
- f) Avaliação.

5.1.3. Implantação

- a) Unidade da equipe em torno do planejamento.
- b) Comunhão com os diferentes organismos e serviços da Igreja.
- c) Articulação entre o SAV local, regional e nacional.

- d) Postura de abertura e diálogo com a comunidade.

5.1.4. Possíveis Atividades

- a) **Espiritualidade:** Missa vocacional, retiros, vigílias, adoração vocacional, tríduos vocacionais, Semana do Fundador etc.
- b) **Eventos:** Dia Mundial de Oração pelas Vocações, Mês Vocacional, Acampamento vocacional, Ordenações e Votos Perpétuos, Semana Santa, Liturgias Solenes e Festivas etc.
- c) **Formação:** Centro Rogate, Escola Vocacional, IPV, Revista Rogate, encontros.
- d) **Divulgação:** sites, Facebook, Instagram, vídeos.

5.2. Planejamento do SAV na Comunidade¹⁶¹ (Analisar/Ler/Diagnosticar)

1ª Etapa = Análise - Como está? – Etapa do levantamento da realidade.

Pergunta: Como está a situação da realidade social, eclesial e vocacional local?

2ª Etapa = Iluminar - Como deve ser? – Etapa da iluminação: Palavra de Deus, Documentos da Igreja, Carisma do Rogate etc.

¹⁶¹ Cf. Instituto de Pastoral Vocacional (IPV). Módulo IV - A Metodologia e o Planejamento no Serviço de Animação Vocacional, 2017.

3ª Etapa – Diagnosticar - Qual a causa?

Confronto entre a realidade e a fé. Discutir qual é o problema real?

Forças, fatores de apoio (positiva).

Forças, fatores de resistência (negativas).

Alternativas de respostas.

5.3. Operacionalizar/ Concretizar/ Organizar (Agir – planejar)

4ª Etapa - Prioridades/Problemas, estabelecidas na 3ª etapa.

Estabelecer:

- a) Objetivo geral (1): (O quê? Para quê?).
- b) Objetivos Específicos (propostas) (2) – atingir o objetivo
- c) Estratégias (3): Como fazer?

Justificativa = Diretriz – teológica / pastoral

5ª Etapa - Programa / Projeto

Elaboração do Projeto: O projeto sistematiza, de certa forma, a tarefa da programação. É uma ação delimitada no tempo e no espaço. Necessita ser muito claro e simples para possibilitar o acompanhamento e a coordenação na execução. O projeto é a máxima aproximação com a realidade. Normalmente parte de um objetivo específico, faz-se uma proposta e se define concretamente o que fazer.

Meta é o que se vai realizar, o que se tem que atingir. É realizado em um determinado arco de tempo ou período.

5.4. Descrição do Projeto

Aqui deve conter: identificação do projeto; objetivos (o que se pretende fazer); principais metas a serem alcançadas; interlocutores (a quem se quer atingir); lugar, espaço e tempo (onde e quando se vai realizar); principais atividades a serem feitas; metodologia a ser utilizada (como vai ser feito); justificativa (por qual motivo o projeto é necessário e ao seu final o que dele se espera).

- a) Metas a curto prazo
- b) Metas a médio prazo
- c) Metas a longo prazo

6ª Etapa - Organização / Estrutura

Descrição do Projeto (Cf. Quadro a seguir).

7ª Etapa - Avaliação

- a) Do Método – Caminho (Visualização – Construção)
- b) Do SAV – No processo de Planejamento
- c) De si / do outro – Atitudes, postura, colaboração, acolhida, respeito, abertura.

Atividades	Interlocutores	Responsáveis	Data	Duração

Local	Recursos humanos	Recursos Econômicos	Recursos Técnicos	Objetivos

Conclusão

185. Na raiz da palavra ‘animador’, ‘animação’ está a origem latina de ‘*anima*’, ‘*animus*’, associada às coisas da alma, da força vital, da coragem e do desejo. Tal origem expressa bem o sentido e o significado que envolve nossa identidade vocacional e carismática. De fato, vocação, como expressão máxima do ser, diz acerca da vida, da alma, dos sonhos daqueles que, pela fé, buscam trilhar os caminhos de Deus, configurando-se a Jesus.
186. Nós, Rogacionistas, somos aqueles que, por vocação e missão, despertam, acompanham, cultivam e ajudam a discernir as vocações. Como animar se o que se faz não brotar do mais profundo da alma? Como motivar se o que se diz não nascer das próprias experiências de vida? Chegar à *anima* dos vocacionados, fazendo com que despertem para aquilo que para o ser humano é mais Verdadeiro, Belo e Bom, eis o nosso grande desafio. Sem dúvida, abraçamos um Carisma que nos enche de muitas responsabilidades, pois lidamos com o bem mais precioso que Deus nos deu: a Vida.
187. É muito importante o animador vocacional Rogacionista, como vimos nas partes que compõem estas ‘Diretrizes’, apropriar-se de algumas técnicas e métodos para potencializar seu trabalho. Porém, nosso apostolado vai muito além disso. Tudo o que vimos anteriormente, caminha na direção de tomarmos consciência de nossa identidade vocacional, ‘quem somos?’,

e, de nossa identidade carismática, 'para quem realmente somos?'.

188. Vimos a importância de se criar uma cultura vocacional em nossos ambientes. Para isso, é importante, igualmente, evitar algumas posturas que se contrapõem a esta cultura. Destacamos três: preocupação somente com 'números', o serviço de animação como simples 'marketing' e a 'profissionalização' do serviço vocacional.
189. Não podemos nos preocupar apenas com números. O quantitativo é empecilho a um acompanhamento qualitativo. É muito comum, no ambiente religioso, ouvir falar de crise de vocações. Não se deve fazer animação vocacional a partir da preocupação com a manutenção de nossas comunidades religiosas, em vista de mais membros. Seria um equívoco achar que a crise de vocações vai ser resolvida a partir dessa premissa; aliás, é bem provável que esta seja a origem da crise, não sua solução. Nós, Rogacionistas, realizamos a animação vocacional porque esse trabalho é o coração da 'ação evangelizadora' da Igreja, e a essência de nossa identidade carismática. Tudo o que fazemos e realizamos deve ser consequência destes princípios fundantes.
190. A segunda postura a ser evitada é a do simples 'Marketing vocacional'. Sabemos da importância da comunicação na evangelização. Porém, o carisma do Rogate não é um produto que será mais bem aceito se aperfeiçoarmos as técnicas comerciais de sua apresentação. Ele não é um produto a ser consumido. Todo o carisma, antes de tudo, é um valor a ser vivido,

e por ser um valor em si, merece ser divulgado e propagado. O marketing comercial, normalmente, excede na aparência, porque não há nada na essência. Com um Carisma acontece o contrário: o valor está exatamente naquilo que não aparece, e seu sentido, muito além de sua exterioridade.

191. A terceira seria a de tornar o animador um 'profissional do serviço vocacional', um 'técnico das vocações'. Esta fragmentação técnica advém do mundo profissional, em que se valoriza a parte em detrimento do todo. Nossa concepção de vocação envolve todas as dimensões da pessoa: existencial, espiritual, psíquico-emocional, social, cultural etc. Não separamos a vocação da vida da pessoa, assim como não separamos o serviço vocacional da vida do animador. Ele o faz não como um domínio técnico, mas como algo que brota espontaneamente de seu interior, de sua '*anima*', de alguém que, realizado e feliz em sua vocação, deseja ajudar outros a encontrarem também seu caminho.
192. Devemos ter um olhar de esperança sobre a ação vocacional. Um coração disponível e generoso atrai por si. Que os testemunhos de Jesus, exemplo de animador vocacional, de Nossa Senhora, a primeira vocacionada, e de nosso Fundador, Santo Aníbal Maria, exemplo de vocacionado, nos inspirem e motivem em nossa missão.

MODELO DE FICHA PARA O INGRESSO AO INSTITUTO**FICHA DE INGRESSO AO INSTITUTO**

Nome: _____

Local e data de nascimento: _____

RG n° _____ Local: _____ CPF n° _____

Reservista n° _____

Pai: _____ Profissão: _____

Mãe: _____ Profissão: _____

Irmãos: _____

Pais casados no religioso: () Sim () Não

Endereço (rua/av.): _____ n° _____

Bairro: _____ Complemento: _____ CEP.: _____

Cidade: _____ UF.: _____

Telefone: () _____ e-mail: _____

Situação Familiar (resumo):

Batismo (data, paróquia, cidade): _____

Crisma (data, paróquia, cidade): _____

**Documentos anexados (cópias nítidas):**

- Certidão de Nascimento;
- Certificado de Batismo;
- Certificado de Crisma;
- Certidão de Casamento Religioso dos pais;
- Situação Militar (reservista);
- Situação familiar;
- Certificado de estado livre;
- Diploma da Escola Média;
- Atestado de saúde;
- Cópia de documentos: RG e CPF;

Local e data

Assinatura

**RELATÓRIO PARA INGRESSO DO
VOCACIONADO NO INSTITUTO**

- Nome completo:
- Data de nasc.:
- CPF e RG:
- Endereço:
- Data de ingresso:
- Cel:
- E-mail:
- Facebook:

→ ***Documentação necessária***

- Certidão de nascimento
- Certidão de Batismo
- Certidão de Crisma
- Certidão de Casamento dos pais
- Declaração de estado civil e de antecedentes criminais
- Diplomas escolares e/ou graduação
- Exames médicos clínicos básicos
- Carteiras:
- Reservista (Militar):
- Motorista:
- Passaporte:

→ **Situação familiar**

(Breve histórico descritivo da família e da vocação: Situação econômica da família, pais, irmãos, relação familiar, vida cristã da família, trabalhos que já realizou etc.).

→ **Parecer do Pároco**

(Solicitar que o Pároco emita um parecer acerca da participação do vocacionado na comunidade, e outras referências que considerar necessário).

→ **Eventuais experiências formativas junto a outras Congregações ou Seminários**

(Onde?, quanto tempo?, motivo da desistência ou demissão, apresentar relatório do Formador ou Bispo etc.).

→ **Saúde física e psíquica**

(Atuais condições da saúde física e psíquica, carteira de vacinação, se já fez cirurgias – liberação médica, toma alguma medicação, exercícios físicos que realiza e frequência, sono).

→ **Parecer psicológico**

(Se possível, apresentar testes e relatórios).

→ **Maturidade Humana**

(Autocontrole, capacidade de renúncia, fidelidade e constância nos compromissos assumidos, autoestima, motivações, valores, capacidade para assumir responsabilidades, experiência e dedicação ao trabalho, higiene e cuidado pessoal).

→ **Maturidade afetiva**

(Capacidade de avaliar com serenidade a vida matrimonial e celibatária, capacidade de se relacionar com os outros: homens e mulheres, vivência da sexualidade, experiência de namoro, capacidade de viver a castidade).

→ **Vida Fraterna**

(Experiência fraterna na comunidade de origem, empenho em observar as regras da comunidade, interesse em cuidar das coisas e dos bens da comunidade, apego aos bens pessoais, doação do próprio tempo, capacidade de vivência da obediência, disposição em servir os outros).

→ **Dimensão Intelectual**

(Facilidade e gosto para os estudos, gosto pela leitura, desempenho escolar e/ou acadêmico, capacidade de adaptação, compreensão da realidade).

→ **Vida Cristã**

(Formação catequética, conhecimento dos elementos essenciais da fé e da moral cristã, amor à Igreja, frequência aos sacramentos, vida de oração, espiritualidade, conhecimento da Sagrada Escritura, certificado de Batismo e Crisma, participação e envolvimento na comunidade de origem).

→ **Conhecimento da Congregação**

(Primeiro contato com o Carisma do Rogate, distinção entre Vida Religiosa e Ministério Ordenado, estima e amor à Congregação,

conhecimento do Fundador, conhecimento da espiritualidade do Carisma, devoção Mariana).

→ ***Carisma do Rogate e suas Obras***

(Solidariedade para com os pequenos e os pobres, empatia ao sofrimento alheio, sensibilidade missionária, oração pelas vocações, apostolado socioeducativo).

→ ***Discernimento vocacional***

(Frequência nos encontros formativos, adoção e prática assídua da direção espiritual, sensibilidade ao chamado de Deus, reta intenção, motivação, tempo de acompanhamento vocacional, desejo de se Consagrar ao Senhor na Congregação Rogacionista).

→ ***Descrição da Personalidade***

(Principais traços comportamentais: paciente, tolerante, comunicativo, extrovertido, solidário, humilde, e/ou agitado, ansioso, introspectivo, individualista).

→ ***Síntese vocacional***

(Resumo dos principais pontos acima e das condições para o ingresso ou não no Instituto. Pontos positivos e pontos que precisam ser melhor acompanhados na etapa formativa sucessiva).

Data:

Assinatura do Superior ou Animador Vocacional

REGIMENTO INTERNO DO SAV-ROG

Apresentação

O Serviço de Animação Vocacional Rogacionista (SAV-ROG) visa a articular em rede o trabalho vocacional na Província São Lucas, priorizando atividades e sistematizando dinâmicas, de modo que esse serviço, além de contribuir para a criação de uma cultura vocacional na Igreja e nas próprias Comunidades Rogacionistas, possa também ajudar os vocacionados a discernirem o chamado que Deus lhes faz em suas vidas. A nomeação, quando possível, de um religioso liberado para cada região, nasce da prioridade que este trabalho assume, para despertar, animar e acompanhar os vocacionados que desejam fazer uma experiência em nossas Comunidades Formativas.

Objetivo Geral

Planejar a ação vocacional em nossa Província, conscientizando todas as Comunidades e cada religioso da importância que este serviço assume, como elemento constituinte de nossa identidade carismática e como meio de despertar outros operários que, sensibilizados, desejam ser bons operários na messe do Senhor em nossa Congregação Religiosa.

Objetivos Específicos

- a) articular o Serviço de Animação Vocacional em nossa Província, estabelecendo uma rede de contatos, constituída pelos coordenadores nos diversos âmbitos – Provincial, Regional e Local;
- b) auxiliar cada animador vocacional na elaboração do planejamento vocacional local, prevendo os recursos humanos e econômicos;
- c) estimular os animadores vocacionais a participarem dos encontros de formação promovidos pelos organismos locais, da Igreja local, Conferência de Religiosos, IPV e Centros Rogate;
- d) criar momentos de formação extraordinária para nossos animadores vocacionais;
- e) partilhar estudos de casos de vocacionados que desejam ingressar em nosso Instituto, a partir de orientações da Igreja, Congregação e Província São Lucas, principalmente nos casos de egressos e vocações adultas;
- f) organizar o encontro de candidatos à etapa do Aspirantado Propedêutico.
- g) Avaliar o trabalho vocacional na Província, a partir de suas prioridades e necessidades mais urgentes.

Composição do Sav-Rog

O SAV-ROG BRASIL é formado pelos animadores vocacionais referentes das regiões Sul, Sudeste/Centro-Oeste, Norte/Nordeste, juntamente com o Conselheiro Provincial do Setor Formação e o Superior Provincial.

O SAV-ROG HISPÂNICO é formado pelos animadores vocacionais locais (Campana, Córdoba, San Lorenzo e Tucumán), juntamente com o Coordenador do Setor Vocacional e o Delegado *Ad Personam* para a área hispânica.

Coordenação

O SAV-ROG é animado pelo Superior Provincial e coordenado pelo Conselheiro Provincial do Setor Formação, em sintonia com os animadores vocacionais regionais.

Organização

O responsável pelo Setor da Formação, juntamente com o Superior Provincial, articulará as reuniões de planejamento com os animadores vocacionais locais, criando uma rede de animação vocacional na Província São Lucas. As reuniões do SAV-ROG acontecerão duas vezes ao ano, uma em cada semestre, para programação, planejamento, estudos, avaliação etc.

**MODELO DE REGIMENTO INTERNO DO
SAV ROGACIONISTA LOCAL*****Apresentação***

O Serviço de Animação Vocacional (SAV) da (Paróquia ou comunidade) insere-se, em sua especificidade, dentro de uma dinâmica de serviço pastoral à comunidade, a exemplo das diversas outras pastorais. A existência do SAV, por si, recorda que a comunidade cristã é composta por vocacionados (as) que respondem às mais diversas vocações e ministérios na Igreja. O chamado é inerente à vida de cada pessoa, devendo essa ser livre para construir seu caminho de discipulado, na Igreja e no mundo.

Objetivo Geral

Planejar a ação vocacional na Paróquia, conscientizando as Comunidades e cada cristão da importância que este serviço assume, como elemento de ação e reflexão da vocação e dos ministérios que exercemos na Igreja. Construir 'cultura vocacional' em uma comunidade de chamados a chamar.

Objetivos Específicos

- a) Assumir o compromisso pessoal de rezar e trabalhar pelas vocações;
- b) Articular o Serviço de Animação Vocacional em nossa Paróquia, estabelecendo uma rede de contatos com os diversos organismos vocacionais da Igreja;
- c) Conscientizar, pelo testemunho, que todos(as) somos animadores(as) para todas as vocações;
- d) Estimular os membros da equipe a participarem dos encontros de formação e atualização na área vocacional;
- e) Criar momentos de formação extraordinária para os membros da equipe;
- f) Organizar encontros ou eventos com temáticas vocacionais para adolescentes e jovens;
- g) Integrar o SAV à pastoral da Juventude, da Catequese, dos Coroinhas e Acólitos com uma proposta de reflexão e de discernimento vocacional;
- h) Dinamizar em todas as comunidades, a cada ano, o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, como momento de reflexão e oração de toda a Igreja pelas vocações;
- i) Refletir e rezar no mês de agosto, nas comunidades, a diversidade de dons e ministérios na Igreja;
- j) Realizar ao menos dois Encontros vocacionais por ano dedicados exclusivamente aos que desejam seguir a Vida Religiosa Consagrada;

k) Apoiar as casas formativas presentes em nossa Paróquia, estimulando e animando os(as) formandos(as) a perseverarem em sua vocação;

l) (...)

Composição

O SAV é formado, quando possível, pelos religiosos(as) presentes na Paróquia, por casais, jovens, formandos(as), vocacionados(as), mostrando, pela sua composição, a diversidade de carismas e ministérios na Igreja.

Coordenação

O responsável pelo SAV é o Pároco, ou o indicado pelo Conselho Provincial. O SAV é animado por uma equipe: Coordenador(a), Vice-Coordenador(a) e um(a) secretário(a). A cada dois anos se faz nova eleição, sendo possível apenas uma reeleição para a mesma função, como estabelecem as orientações pastorais da Paróquia.

Manutenção

O SAV poderá realizar pequenos eventos e promoções para arredar fundos para sua manutenção, para os seguintes fins: participação de encontros, viagens para formação, retiros, confraternizações etc. Deverão ser prestadas contas ao Pároco, ou ao responsável, dos valores arrecadados e das despesas.

Organização

A cada final de ano será feita uma avaliação, com todo o grupo, dos trabalhos realizados. Ao mesmo tempo, a coordenação apresentará o calendário de atividades para o ano seguinte, que deverá ser aprovado pelos presentes. No calendário deverá constar:

- a) Datas das reuniões mensais
- b) Retiros anuais para a equipe
- c) Temas a serem estudados
- d) A participação em cursos de formação
- e) Encontros vocacionais para adolescentes e jovens

EXERCÍCIOS VOCACIONAIS ROGACIONISTAS

(À parte)

ANIMAÇÃO VOCACIONAL E MÍDIAS SOCIAIS

Mediadores Vocacionais nas redes sociais

A era das comunicações digitais e das constantes conexões realizadas através de diversos aparatos tecnológicos nos possibilitam um instantâneo contato com lugares e pessoas. Essa nova dinâmica das redes sociais aquece a troca de informações e amplia o conceito de relação sociocultural, política, econômica e espiritual daqueles que se utilizam desses meios para comunicar ideias, dúvidas, sonhos e medos.

Nesse contexto, importante ressaltarmos que a noção de mediação é vista como algo ou alguma coisa (dispositivos e/ou plataformas digitais – Facebook, Twitter, Youtube, Instagram, WhatsApp) que permite a passagem das informações de um lugar a outro. Assim, trazendo este conceito para dentro do contexto vocacional, as redes sociais podem trazer um benefício enorme para o serviço de animação vocacional, seja para o despertar das vocações específicas (ministérios ordenados e vida consagrada), como também para as diversas vocações na Igreja (ministérios não ordenados, laical e missionário).

Não há dúvidas de que essas redes de mediações on-line favorecem um espaço propício para que os animadores e animadoras vocacionais, com a utilização das ferramentas disponíveis, possam motivar vocacionalmente outras pessoas a assumirem sua missão

de testemunhas do Mediador, Jesus Cristo. Porém, como continuadores dessa rede vocacional da Boa-Notícia, precisamos nos preparar para o manuseio responsável não só das ferramentas, mas dos conteúdos postados e tagueados nas redes digitais.

Ao nos considerarmos mediadores vocacionais que despertam as vocações nas redes sociais, temos que ter presente em nossa mente e em nosso coração que não estamos simplesmente angariando adeptos aos serviços eclesiais ou sociais, mas somos chamados e chamadas a desadormecer corações ao projeto vocacional de Deus para todos os seres humanos: vocações que buscam exercer no cotidiano a promoção da vida em sua integridade.

É imprescindível que os animadores vocacionais tenham zelo para com as diversas vocações nesses dispositivos e plataformas digitais, pois é perceptível que nesses meios virtuais necessitamos cada vez mais de pessoas que acompanham o itinerário vocacional dos usuários digitais. Precisamos de pessoas que tragam para a superfície desse mar de informações reflexões e questionamentos vocacionais que possibilitem o florescimento das vocações nas redes. É certo que não adianta apenas motivar este despertar vocacional, mas continuar o processo de acompanhamento dessa resposta, no cotidiano social e eclesial, e até mesmo promovendo encontros nas paróquias, dioceses, comunidades religiosas, comunidades de vida e movimentos pastorais.

Ser um mediador do despertar vocacional de tantas pessoas que nos seguem, comentam, curtem e compartilham suas vidas, através das mídias, é um desafio muito grande. Porém, não é impossível, pois geralmente são pessoas que “conhecemos”, ou que estão em

nossas redes de relacionamento, seja face a face ou virtualmente. Não vamos negligenciar o cuidado na hora de mediar vocacionalmente: devemos estar precavidos aos chamados “perfis falsos”, pessoas mal-intencionados ou robôs programados que se utilizam de perfis falsos para enganar e extorquir. Por isso, precisamos nos atentar para a procedência das informações, assim como para onde destinamos as informações pessoais e/ou institucionais. Não tenhamos medo de navegar, mas sejamos prudentes na hora comentar, curtir, compartilhar e seguir. Afinal, somos mediadores e testemunhas vocacionais daquele que primeiro nos chamou: “Vem e Segue-me!”.

Cada vez mais as interfaces gráficas (redes sociais, sites, blogs, aplicativos) ganham força e espaço na vida dos vocacionados e vocacionadas. Afinal, esses meios digitais estão mais próximos ou até mesmos acoplados ao corpo dos usuários que virtualizam sensações, pensamentos, comportamentos, linguagens etc. A qualquer hora ou em qualquer espaço as pessoas estão conectando vidas, lugares e situações que necessitam também de discernimento vocacional, testemunhando Jesus Cristo e acolhendo o sim vocacional das diversas vocações. Por isso, o que estamos esperando? Uma Igreja conectada nas redes digitais também é uma Igreja em saída.

Reinaldo de Sousa Leitão, rcj

ELABORAÇÃO DO PROJETO PESSOAL DE VIDA (PPV)

*“Citação de frase bíblica em que se inspira
o Projeto Pessoal de Vida”*

Nome:

Data:

Origem

Quem sou eu? Descrever, brevemente, a composição da família e suas principais características. Origem, idade, situação dos pais e irmãos, subsistência, trabalho etc. Considere o que for mais relevante e que revele um pouco de quem você é.

Caminhada vocacional

Como se deu o despertar, o acompanhar, o discernir e o cultivar durante o período de acompanhamento vocacional? Momentos mais significativos deste processo; o que foi mais importante para a perseverança vocacional; como vejo meu chamado e minha vocação à Vida Religiosa Rogacionista.

Desejo mais Profundo

Descrever qual é o meu projeto de vida. O que desejo ser? O que percebo que me realizará como pessoa, como cristão, como vo-

cacionado/formando. Considerando meu passado e meu presente, como vejo meu futuro?

Dimensões	Decisão:	Prática:
	Após refletir, meditar e rezar minha auto-avaliação, levando em conta minha origem, caminhada vocacional e desejo mais profundo, quais serão minhas prioridades para este ano? Entre uma e três.	De que modo vou atingir ou concretizar minhas prioridades? Estabelecer as modalidades práticas para atingi-las. À parte desta tabela, criar um calendário semanal de atividades com os respectivos horários.
Humano-afetiva		
Espiritual		
Vida Fraterna		
Intelecto-cultural		
Pastoral-Missionária		
Carisma do Rogate		
Avaliação	Quando?	Como?

Questões práticas na elaboração do Projeto Pessoal de Vida (PPV)

- a) Introduzir a elaboração do Projeto Pessoal de Vida aos Vocacionados/Formandos como necessidade da pessoa, visando ao autoconhecimento, aprofundamento da vocação e à autorrealização;
- b) O PPV deve estar integrado à dinâmica das “Diretrizes para o Serviço de Animação Vocacional”, assim como das “Diretrizes para a Formação Inicial”, ajudando-o a aprofundar as respectivas dimensões;
- c) A elaboração do PPV deve ser vista não apenas como um exercício técnico, mas, principalmente, espiritual/vocacional, pois não visa a encontrar uma profissão, mas refletir e aprofundar a própria vocação, pelo chamado de Deus que o vocacionado sente em seu interior;
- d) Sugere-se que o PPV seja elaborado durante um período de retiro, de modo que possa ser refletido, meditado e rezado como proposta de vida envolvendo todo o ser;
- e) No item “Decisão”, sugere-se duas ou três prioridades para o ano. Tal sugestão é apenas indicativa. O vocacionado, em diálogo com o animador, pode priorizar algumas dimensões e não todas, centrando-se nas que julgarem mais urgentes e necessárias de serem amadurecidas.
- f) Tão importante quanto sua elaboração será sua revisão e acompanhamento, que acontecerá nas etapas formativas sucessivas, sempre em diálogo com o formador correspondente.

- g) A diagramação do PPV acima é apenas sugestão, o mais importante é conter os pontos e itens que o compõem para aprofundamento vocacional do vocacionado.

A importância de se elaborar o Projeto Pessoal de Vida (PPV)

A literatura bíblico-vocacional seja do Antigo ou do Novo Testamento, trata sempre a vocação como um chamado, de Deus ou de Jesus, que exige, daquele que é interpelado, uma resposta. Esta fórmula que procura sintetizar aquilo para que fomos chamados a desempenhar, ou realizar uma missão, tem a virtude de fundamentar o sentido espiritual e teológico da vocação. Não só a vida que recebemos, mas aquilo que realmente somos e temos, como características e dons próprios, pertencem e vêm de Deus, e de uma forma ou de outra, voltam-se ao bem comum pelo trabalho que realizamos, ou mesmo, pelo testemunho que damos. Em síntese, *um dom que se recebe, é um bem que se doa*. Veremos aqui a importância de se estabelecer um projeto de vida como condição de realização de toda vocação.

A vocação, seu sentido teológico e espiritual, necessita concretizar-se na vida da pessoa. Tanto o chamado como a resposta não são algo estático ou repentino, como pode sugerir à primeira vista, mas são algo dinâmico e permanente, que levam em conta a vida e a história da pessoa, seu contexto familiar, cultural, social etc. Para esta ordem de questões concretas e objetivas, na qual incide o chamado, faz-se necessário elaborar um projeto de vida. Tal projeto visa a potencializar as qualidades e virtudes da pessoa, estabelecendo objetivos e metas que deverão ser alcançados num determinado tempo,

e posteriormente avaliados, de modo tal que a resposta ao chamado seja a mais autêntica e verdadeira possível, condizente com o dom recebido de Deus. Em suma, inicia-se um percurso formativo que começa já na adolescência e que durará toda a vida, acolhendo e respeitando os ciclos de amadurecimento da pessoa, os quais, para cada tempo e lugar, exigirão estratégias e modalidades próprias.

Desafios a serem superados

A história de alguns vocacionados na Bíblia ratifica que a vocação não subtrai a natureza, mas conta com a graça, manifestando a diversidade de dons presentes em cada pessoa, pelos quais Deus interage em nossa história pessoal e nos chama, corrigindo limites e imperfeições: “Moisés insistiu com Javé: ‘Meu Senhor, eu não tenho facilidade para falar, nem ontem, nem anteontem, nem depois que falaste ao teu servo; minha boca e minha língua são pesadas’” (Ex 4,10). “Ah, Senhor Javé, eu não sei falar, porque sou muito jovem” (Jr 1,6). “Amós respondeu a Amasias: ‘Eu não sou profeta nem discípulo de profeta. Eu sou criador de gado e cultivador de sicômoros’”, (Am, 7,14). “Saindo daí, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria de impostos, e lhe disse: ‘Siga-me!’ Ele se levantou, e seguiu a Jesus” (Mt 9,9).

A vocação não nasce de um evento grandioso, nem de uma intermediação sobrenatural, mas surge no cotidiano da pessoa, como alguém se coloca a questão, como princípio de fé: Qual caminho seguir? Como posso realizar plenamente minha vida dentro de uma vocação específica? O discernimento visa a aclarar tais dúvidas, oferecendo pistas de reflexão, dando ao jovem a total liberdade para a tomada de decisões.

Originariamente, a vocação pode ser compreendida já a partir da concepção, como dom gratuito de Deus, como um mistério de vida insondável. “Antes de formar você no ventre de sua mãe eu o conheci; antes que você fosse dado à luz, eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações” (Jr, 1,5). O processo de discernimento vocacional e formativo deve fazer com que o jovem se descentralize de si mesmo e se centralize mais em Deus, mantendo uma sintonia que o integre e unifique dentro de um projeto de vida de configuração a Jesus. Escutar o chamado e discernir a resposta exige superar a autorreferencialidade, sem perder a autonomia e a liberdade. Em outras palavras, é necessário expandir nossa sensibilidade e responder ao mistério com coragem, assumindo livremente a missão através dos dons e virtudes com que Deus nos potencializou.

A resposta como Projeto

O modo como compreendemos a vocação, o significado da vida e do chamado, é o modo como estabelecemos nosso processo formativo, o qual pode ser visto como estático e definitivo, ou como dinâmico e contínuo. A vocação, assim, não se constitui apenas, enquanto origem, no chamado de Deus, mas se estrutura, fundamentalmente, em um projeto de vida, que faz com que entremos num processo formativo permanente. Chamados para quê? A resposta a essa questão está na origem e na importância da elaboração do projeto de vida, que deve ser objetivo e concreto, iluminado pelo Espírito, mas focado na pessoa. O que em educação diz-se de nossa capacidade de “aprender a aprender”, na Vida Consagrada diz-se acerca da formação permanente, o que nos coloca num ciclo contínuo de formação e autoavaliação.

Bibliografia

DO MAGISTÉRIO

1. CNBB. *Decreto Legislativo sobre a admissão de egressos ao seminário*. São Paulo, Paulinas, 1997.
2. _____. *Vida e ministério do presbítero; Pastoral Vocacional*. São Paulo, Paulinas. (Documentos da CNBB, n. 20).
3. _____, Setor Vocações e Ministérios e Instituto de Pastoral Vocacional. *Vocações e Ministérios para o Novo Milênio; 1º Congresso Vocacional do Brasil - Memórias*. Curitiba, CNBB-Sul 2, 2000.
4. _____, Setor Vocações e Ministérios e Instituto de Pastoral Vocacional. *Igreja, povo de Deus a serviço da vida; 2º Congresso Vocacional do Brasil*. Itaiaci-SP, 2005.
5. _____, Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada. *Discípulos Missionários a Serviço das Vocações; 3º Congresso Vocacional do Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2010.
6. _____, Texto-base: 4º Congresso Vocacional do Brasil: Vocação e Discernimento. Brasília: Edições CNBB, 2018.

7. _____. COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA OS MINISTÉRIOS ORDENADOS E A VIDA CONSAGRADA. (CMOVC). *Vocação e Discernimento. Documento Final do 4º Congresso Vocacional do Brasil*. Brasília, CNBB, 2020”.
8. _____. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil (110)*. Brasília: Edições CNBB, 2019.
9. _____. *Documento Final do Sínodo dos Bispos: Os jovens a fé e o discernimento vocacional*. (Cf. <http://www.cnbb.org.br>)
10. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral – Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: Edições CNBB, 2017.
11. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao Seminário e às Ordens Sacras*. São Paulo, Paulinas, 2005.
12. _____. *Orientações para utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*. Edições CNBB, Brasília, 2010.
13. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. *“Vinho Novo, Odres Novos - A vida Consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto”*. São Paulo, Paulinas, 2017.
14. CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Trad. CNBB. São Paulo, Loyola, 1983.
15. DOCUMENTOS DO CELAM – *Rio, Medellín, Puebla, Santo Domingo* (In. Documentos da Igreja). São Paulo, Paulus, 2004.
16. _____. *Documento de Aparecida – V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo, Ed. CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.
17. VATICANO II, *Vozes*, 1969.
18. PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica - Lumen Fidei*. São Paulo, Paulinas, 2013.
19. _____. *Exortação Apostólica - Evangelii Gaudium (A Alegria do Evangelho)*. São Paulo, Paulus, 2014.
20. _____. *Discurso à Plenária da Congregação para o Clero*, 3 de outubro de 2014.
21. _____. *Carta Encíclica Laudato Si’ – Sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo, Paulinas, 2015.
22. _____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit – Para os Jovens e para todos o Povo de Deus*. Brasília, CNBB, 2018.
23. _____. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate – Sobre o chamado a santidade no mundo de hoje*. São Paulo, Paulinas, 2018.

Apresentação	3
Introdução	7
Primeira Parte	11
1. A Animação Vocacional e os Rogacionistas - Breve Histórico	11
1.1. Principais eventos vocacionais	13
1.2. Contribuição Rogacionista ao trabalho vocacional	19
1.2.1. Centro Rogate	19
1.2.2. Revista Rogate	20
1.2.3. Encartes da Rogate	21
1.2.4. IPV	21
1.2.5. Família do Rogate	23
1.3. Evolução da linguagem: Diferença entre PV e SAV	25
1.4. A concepção de Animação Vocacional Rogacionista	26
1.5. Da Pastoral ao Serviço Vocacional	27
Segunda Parte	31
2. Documentos Vocacionais Da Igreja e da Congregação	31
2.1. Ratio Institutionis	34
2.2. Afetividade e Discernimento	36
2.3. Documento de Aparecida	38
2.4. Ratio fundamentalis	39
2.5. Diretrizes para a Formação (CNBB)	41
2.6. Diretrizes para a Formação Inicial Rogacionista	43

2.7. Christus vivit	45		
Terceira Parte	47		
3. Vocação e Autoconhecimento	47		
3.1. Contribuição da Psicologia	49		
3.2. Sistema motivacional	53		
3.3. Estima de si	57		
3.4. Níveis de integração da pessoa	60		
3.5. Afetividade e sexualidade no discernimento vocacional	63		
3.5.1. Na Adolescência e Juventude	65		
3.5.2. Na Vida adulta	67		
3.5.3. Afetividade e experiência de Deus	68		
3.6. A importância das Crises	68		
Quarta Parte	71		
4. ANIMAÇÃO VOCACIONAL ROGACIONISTA	71		
4.1. Pilares do Serviço de Animação Vocacional Rogacionista	72		
4.1.1. Carisma do Rogate	73		
4.1.2. Santo Fundador	73		
4.1.3. Vida Religiosa Rogacionista	74		
4.1.4. Inculturação do Rogate	75		
4.2. Responsáveis	75		
4.2.1. O Superior Provincial	76		
4.2.2. Conselheiro Provincial	76		
4.2.3. Superiores de Comunidade	77		
4.2.4. Comunidade Religiosa	77		
4.2.5. Animador Vocacional Local	78		
4.2.6. Centro Rogate	78		
4.2.7. Formandos Rogacionistas	79		
		4.2.8. Obras socioeducativas	79
		4.2.9. Paróquias e Santuários	80
		4.2.10. SAV local	81
		4.3. Conteúdo Metodologia	82
		4.3.1. As três dimensões do Chamado	82
		4.3.2. Chamados à Vida ou a Ser	83
		4.3.3. Chamados à Disponibilidade ou a Fazer-se	84
		4.3.4. Chamados à Ressurreição ou à Plenitude	85
		4.4. Momentos do itinerário vocacional	86
		4.4.1. “Despertar”	87
		4.4.2. “Acompanhar”	88
		4.4.3. Cultivar	90
		4.4.4. “Discernir”	91
		4.5. Meios para o discernimento Vocacional	92
		4.6. Relação de ajuda do Animador Vocacional ao Vocacionado	95
		4.7. Orientações para acompanhar e acolher vocações adultas e candidatos egressos de outros seminários	97
		4.7.1. Vocações adultas	98
		4.7.2. Acompanhamento de egressos	100
		4.8. Para se ingressar na Congregação	101
		4.9. Modalidades de acompanhamento	102
		4.10. Orientações Gerais	103
		Quinta Parte	107
		5. Planejamento e Metodologia	107
		5.1. Etapas para se organizar o SAV	108
		5.1.1. Princípios Básicos	108
		5.1.2. Planejamento	108

5.1.3. Implantação _____	108
5.1.4. Possíveis Atividades _____	109
5.2. Planejamento do SAV na Comunidade (Analisar/ Ler/Diagnosticar) _____	109
5.3. Operacionalizar/ Concretizar/ Organizar(Agir – planejar) __	110
5.4. Descrição do Projeto _____	111
Conclusão _____	113
Anexo 01 _____	117
Anexo 02 _____	119
Anexo 03 _____	123
Anexo 04 _____	127
Anexo 05 _____	131
Anexo 06 _____	133
Anexo 07 _____	137
Bibliografia _____	143